

CLÁUDIA ASSAD ALVARES

Nomes de Profissões: Uma oposição sufixal.

2005



FICHA CATALOGRÁFICA

S469

Nomes de Profissões: Uma oposição
sufixal. / Claudia Assad Alvares — Rio
de Janeiro: Dialogarts, 2005. p. 90

Publicações Dialogarts

Bibliografia.

ISBN **85-86837-20-2**

1. Língua portuguesa. 2. Lingüística. 3.
Morfologia. I. Alvares, Cláudia Assad.
III. Título.

CDD.

410.415



Correspondências para:
UERJ/IL - a/c Darcilia Simões
R. São Francisco Xavier, 524 sala 11.139-F
Maracanã - Rio de Janeiro: CEP 20 569-900
Contatos: dialogarts@uol.com.br

Nomes de Profissões: Uma oposição sufixal.

CLÁUDIA ASSAD ALVARES

2005

Copyright @ 2005 Cláudia Assad Alvares
Publicações Dialogarts
(<http://www.darcilia.simo.es.com>)

Coordenador/autor do volume:
Flavio García – flavgarc@uol.com.br
Coordenadora do projeto:
Darcilia Simões – darcilia@simoes.com
Coordenador de divulgação:

- Cláudio Cezar Henriques

Projeto de capa:

- Darcilia Simões

Diagramação:

- Josiane da Silva Vieira

Revisão Técnica:

- Marcio Bonin Ribeiro

Logotipo:

- Rogério Coutinho

Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores – DEL
Instituto de Letras – LIPO
UERJ- DEPEXT – SR3 - *Publicações Dialogarts*
2005

APRESENTAÇÃO

O estudo de Cláudia Assad Alvares, ora apresentado em livro, é uma excelente contribuição para os estudantes que pretendem tornar-se pesquisadores.

Trata-se de um trabalho monográfico apresentado na conclusão do curso de graduação em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e tem origem em pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde a autora atuou como bolsista.

Claudia Assad Alvares realizou uma pesquisa morfológico-semântica em que buscou tabular nomes de profissões formados por derivação sufixal em que figuram os morfemas –ista e –eiro.

No ponto de vista semântico, a autora pôde constatar uma frequência maior de substantivos designativos de profissões terminados em –ista com enquadre social de maior relevo. Em contraponto, os nomes terminados em –eiro, via de regra designam profissões tidas como de menor prestígio social.

A autora conseguiu demonstrar pelo exemplário levantado a força do uso sobre o acúmulo de informações agregadas

aos itens léxicos. Semas positivos e negativos são acrescentados aos lexemas de modo a enquadrá-los em conjuntos lexicais que figuram como designativos de profissões e profissionais que acabam por ser estigmatizados no grupo social de que participam.

Ficou também bem demonstrada que a oposição onomasiológica em questão estaria vinculada ao status; por isso, os agentivos em -ista designariam profissões de maior prestígio sócio-cultural em nossa sociedade; em contraponto, os agentivos em -eiro designariam ocupações de pouco ou nenhum prestígio e, até mesmo, marginalizadas.

Não pretendo dar uma mostra sinóptica do trabalho de Cláudia Assad Alvares. Ao contrário, intento convidar o leitor a um passeio cuidadoso pelo texto em questão não só para constatar a seriedade e relevância desta pesquisa, mas sobretudo para ratificar o quanto nossa língua é rica e interessante.

UERJ, 4 de abril de 2005

Darcília Simões

Prof^ª Adjunta de Língua Portuguesa

SINOPSE

Os agentivos denominais em -ista e em -eiro. Análise do prestígio sócio-cultural das profissões. Traços semânticos dos agentivos. Regras de produtividade. Neutralização das formas dos agentivos. Operacionalização dos traços semânticos. Pesquisa de campo. Análise dos resultados. Considerações finais.

Sumário

Apresentação	6
Introdução:	10
Agentivos em –ista x agentivos em –eiro	11
4. Análise da pesquisa.....	50
4.1. Parte 1: Estatística.....	50
4.2. Parte 2 : Análise dos resultados	53
Referências Bibliográficas:	72
7.1. Anexo 1: Profissões com o sufixo –eiro (-ário): corpus ..	74
7.2. Anexo 2: Profissões com o sufixo –ista: corpus	81

INTRODUÇÃO:

O objetivo primeiro deste trabalho consiste em ratificar o discurso de Miranda (1979), no que tange à oposição existente entre os agentivos formados pelos sufixos -ista e -eiro e que designam profissões em Língua Portuguesa. A oposição estaria vinculada ao status; dessa forma, os agentivos em -ista designariam profissões de maior prestígio sócio-cultural em nossa sociedade, ao passo que os agentivos em -eiro designariam ocupações de pouco ou nenhum prestígio e, até mesmo, marginalizadas.

Para tanto, foi utilizado um corpus com 149 agentivos em -ista (anexo II) e outro com 124 agentivos em -eiro (anexo I). Acrescente-se que ao final deste trabalho encontra-se uma pesquisa (anexo III), cuja elaboração teve por objetivo verificar, na prática, a oposição supracitada, bem como a suposta neutralidade no uso de algumas formações consideradas sinônimas pelo dicionário ou a consagração de uma, pela norma, em detrimento da outra. Ressalte-se ainda que todas as formações dos anexos 1 e 2 estão dicionarizadas (as definições foram extraídas do Dicionário de Aurélio B. de H. Ferreira).

À medida que este trabalho estava sendo feito, muitas coisas interessantes foram surgindo, entre elas, uma terceira regra para a formação dos agentivos em -ista, extraída do trabalho de Pauliukonis (1981); procurei aprofundar a relação paradigma / produtividade, com relação aos dois tipos de agentivos, bem como estabelecer uma possível relação entre o paradigma x-ismo / x-ista e o prestígio atribuído pelo sufixo -ista aos agentivos formados por ele. Procurei ainda aprofundar a questão dos traços semânticos, bem como fazer algumas sugestões que julguei pertinentes, entre elas, a operacionalização de cada traço; passei também pela eufonia como um possível fator de escolha de uma formação em lugar de outra pelos falantes.

Mas as exceções foram surgindo; um número substancial de formações não se enquadrava nos padrões gerais propostos e, a partir daí, esta pesquisa foi se desenrolando.

AGENTIVOS EM -ISTA X AGENTIVOS EM -EIRO

Comparem-se as palavras abaixo:

Grupo 1:
Projetista
Economista
Jornalista
Criminalista
Anestesista

Grupo 2:
Lancheiro
Masseiro
Borracheiro
Verdureiro
Lixeiro

Neurologista Psicanalista Estilista Romancista Ufologista

Jornaleiro Enxadeiro Quitandeiro Chaveiro Carpinteiro

Inicialmente, há nos dois grupos um traço semântico comum: o traço que indica “ocupação”, “ofício”; note-se ainda a forte oposição existente entre os dois conjuntos de palavras. Este fato parece enquadrar-se no discurso de Miranda (1979); essa autora afirma que, em nossa cultura, as atividades consideradas de maior prestígio social seriam designadas pelos agentivos em -ista, ao passo que as ocupações menos favorecidas pelo prestígio sócio-cultural, ou até mesmo marginalizadas, seriam designadas pelos agentivos em -eiro. Miranda (1979) sugere a existência de uma distribuição complementar entre os dois grupos de agentivos denominais (por exemplo, dermatologista / peixeiro); esta estaria fundamentada no grau de formalidade expresso pelas duas regras. Nas palavras da autora (1979: 87): “Em termos mais absolutos, as regras x-ista e x-eiro resultariam, pois, como definidoras de status. Tudo isto resultaria do traço de formalidade que marca apenas um dos sufixos”. O sufixo marcado é o -ista, mas voltarei a este ponto um pouco mais tarde.

Parece realmente que nossa intuição de falantes nativos da língua portuguesa nos leva a concordar com Miranda (1979), bem como demonstrar que a autora está certa em suas colocações; vejamos, por exemplo, as formas jornalista / jornalista; de fato há uma oposição entre elas, mas o que dizer de manobrista / manobreiro? Em princípio, são palavras sinônimas (mesmo que saibamos que não há sinônimos perfeitos na língua) e não designam atividades de prestígio. Não obstante, há um fato curioso a ser relatado: perguntei, sem qualquer compromisso, a dois falantes qual o nome que eles dariam ao “rapaz que manobra o seu carro no restaurante”; o primeiro respondeu-me: “manobreiro”; já o segundo, após pensar por alguns instantes, falou o seguinte: “eu chamaria de manobreiro, mas para o que faz o mesmo serviço em *hotel cinco estrelas*, diria que é um manobrista”. A resposta do segundo falante estabelece uma hierarquia entre as duas formas; convém observar que, mesmo que tenha sido um único falante, não deixa de ser um fato significativo.

Formações do tipo “manobrista” podem ser previstas no léxico; nas palavras de Miranda (1979:88):

Devemos observar, ainda que tal fato não interfira em nossa análise, que a distribuição aqui proposta entre os agentivos **-ista** e **-eiro** não corresponde sempre a uma

verdade por inteiro, em termos de palavras existentes: há os **engenheiros** e os **balconistas**, em vez de ***engenhistas** e ***balconeiros**. O que nos interessa, no entanto, é que em termos de processo produtivo tal distribuição vem ocorrendo entre tais regras.

Uma vez mais, pode-se ratificar as colocações da autora por meio dos exemplos que seguem; os instrumentistas clássicos são geralmente designados pelos agentivos em **-ista**, ao passo que os tocadores mais populares, pelos agentivos em **-eiro**:

Pianista	Tamborileiro
Flautista	Corneteiro
Baixista	Sanfoneiro
Harpista	Trombeteiro
Clarinetista	Violeiro

A produtividade dos sufixos **-eiro** e **-ista** na formação de profissões em português é inegável, bem como a distribuição sugerida por Miranda (1979) tem enorme procedência; entretanto, mesmo que os fatos não correspondam a uma verdade absoluta, será que eles realmente não interferem nas conclusões da autora? Justamente porque não podemos ter um comportamento absolutista para com a língua é que temos os caminhos abertos para novas descobertas. A forma “engenheiro” foge ao padrão geral dos agentivos em **-eiro**, mas no caso

de “engenheiro”, a palavra sofreu um alargamento semântico, pois era utilizada anteriormente para designar os trabalhadores dos engenhos. E “balconista”? Ao lado dessa formação existem muitas outras que parecem contrariar o prestígio sócio-cultural atribuído pelo sufixo **-ista**; comparem-se as formações em **-ista** abaixo:

Anatomista	Atacadista
Patologista	Motorista
Cancerologista	Postalista
Cardiologista	Calista
Dietista	Florista
Endocrinologista	Pracista
Gastrenterologista	Varejista
Pneumologista	Cambista
Ginecologista	Recepcionista
Médico-legista	Alfarrabista

Neste ponto, cabe uma pergunta: será que a mesma regra que forma, por exemplo, “endocrinologista”, forma também “florista”?

Para responder parte desta pergunta, podemos comparar o léxico a uma grande sacola de viagem que o falante nativo carrega consigo aonde quer que vá; esta sacola é uma perene receptora de palavras e, para cada palavra que entra nessa bolsa, há uma regra que subjaz a ela. Acontece que nem todas as

regras são evidentes; muitas estão ali esperando ser descobertas; basta, pois, que saibamos enxergá-las.

Antes de explorar melhor este ponto, há um fenômeno que deve ser registrado aqui: refere-se à oposição instrumentista clássico / tocador popular.

Atente-se para as seguintes formações:

Grupo 1:	Grupo 2:
Cancioneiro / Cancionista Cançonetista Repentista	Pandeirista Acordeonista

As formações do primeiro grupo, embora não sejam prestigiadas no meio urbano, são no ambiente rural e designam profissões de muito prestígio; estes profissionais chegam, inclusive, a ser contratados pelos fazendeiros, especialmente para animação de festas. Observem-se, contudo, as formas cancioneiro / cancionista; da mesma forma que manobreiro / manobrista, são palavras sinônimas. O que faz que o falante escolha uma ou outra forma? Seria o caso de tentar postular uma regra de neutralidade para esses tipos de formação?

Vejam-se, por outro lado, as formas do segundo grupo: pandeiro não é um instrumento clássico e o acordeão, por sua vez, também passa pelas mãos do sanfoneiro. Vejam-se ainda formas como *banqueiro*, *empresário*, *secretário (municipal, estadual)*; é inegável o alargamento semântico sofrido por esta última, mas e as outras duas? Excetuando-se a acepção “banqueiro de bicho” (mesmo que no *seu* ambiente ele tenha prestígio), estas formações fogem ao padrão geral dos agentivos em **-eiro**.

Vamos deixar, por enquanto, as “fugas aos padrões” e retornar à questão do grau de formalidade das regras para tentar clarificar um pouco mais estes pontos.

Segundo Miranda (1979: 84):

Se traçássemos aqui uma escala de formalidade da linguagem em relação às regras referidas na seção anterior, teríamos o seguinte quadro: em primeiro lugar, de caráter nitidamente formal, estariam os agentivos do tipo x-o (antropólogo); em seguida viria a regra formadora dos agentivos em -ista (neurologista), com grau menor de formalidade. Um terceiro lugar vai surgir ainda se tomarmos uma nova regra formadora de agentivos denominais - trata-se da regra de adição do sufixo -eiro, de caráter nitidamente informal.

Ressalte-se que os agentivos do tipo x-o concorrem com os agentivos em -ista: em biólogo / biologista, por exemplo, o

falante se utiliza muito mais da primeira, em detrimento da segunda.

Quanto ao caráter informal do sufixo -eiro, há um fato que nos interessa de perto: o elemento formativo -ariu -, que integrava os nomes em latim clássico, em geral, alterou-se em -eiro ao passar para o português, na época da constituição deste idioma. Talvez este processo de popularização do sufixo tenha contribuído para o caráter informal da regra que o adiciona aos nomes.

3. Traços semânticos dos agentivos

Observem-se agora os seguintes grupos:

Grupo 1:	Grupo 2:
Lingüista	Sanitarista
Psicolingüista	Urologista
Foneticista	Tisiologista
Semanticista	Alergista
Latinista	Imunologista
Bacteriologista	Ecologista
Oftalmologista	Etnologista
Ortopedista	Entomologista
Otorrinolaringologista	Odontologista
Radiologista	Logopedista

Os dois grupos, além do traço “ocupação”, “ofício”, têm em comum o traço semântico [+ especialidade], bem como o elevado status social. Não obstante o número de formações em -ista que contrariam o padrão geral de seu grupo (por exemplo, ascensorista), uma quantidade substancial de formações ratifica este padrão.

Se queremos correlacionar grau de formalidade e status social, não podemos perder de vista os estudos de Miranda (1979) a esse respeito; essa autora postula dois processos morfológicos distintos para a formação dos agentivos em -ista.

Segundo Miranda (1979: 69),

(...) Em **A** as formas de base das categorias adjetivo e nome [- concreto], [- comum], após operação de acréscimo do sufixo, vão ter como saída as categorias sintáticas de **Nome** ou **Adjetivo**, com o sentido geral de ‘partidário de x-ismo’, onde X corresponde ao sentido da base, mas numa acepção de ‘conceito’, ‘teoria’, etc.

Os agentivos em **B**, por outro lado, têm como forma de base e output sintático a categoria **Nome** e traduzem o sentido aproximado de ‘especialista em X’. Os nomes de base são marcados pelos traços: (**A**) [+ concreto] ou (**B**) [[- concreto] ^ [+ especialidade]].

Podemos depreender do grupo **A** o paradigma x-ismo / x-ista, o que equivale a dizer que para uma formação em x-ismo (budismo), há uma forma previsível em x-ista (budista) e

vice-versa. Vejamos o que diz Said Ali (1964:243-244) a respeito dos sufixos **-ismo** e **-ista**:

-Ismo:

(...) serve este elemento formativo sobretudo para dar nome a doutrinas religiosas, filosóficas, políticas, artísticas: (...) politeísmo, budismo, (...), etc.

-Ista:

(...) a sua primeira aplicação foi aos partidários das doutrinas e sistemas acima referidos. Este mesmo uso perdura ainda hoje para a maioria dos nomes em -ismo de formação moderna: (...) budista, darwinista, positivista, materialista (...), etc.

Agora registrem-se as palavras que integram o mesmo campo associativo de “doutrina” (Dicionário de sinônimos e Antônimos e Idéias Semelhantes, 1961: 165):

Crença: fé, credulidade, crédito, confiança, segurança, presunção, esperança, convicção. **Persuasão:** princípio, certeza, opinião, ponto de vista, concepção, impressão, conclusão. **Doutrina:** dogma, artigo de fé, normas, princípios, artigos, cânones, evangelho, profissão de fé, credo, confissão, propaganda, pregação, declaração, enunciação. **Credibilidade:** plausibilidade, probabilidade. **Fidedigno:** de confiança, digno de fé, crível, acreditado, satisfatório, insuspeito, confiante, certo, positivo, seguro, tanto quanto dois e dois são quatro, satisfeito, convencido, convicto. **Crer:** acreditar, aceitar, ter por certo, dar fé, pôr crédito, dar crédito, assumir que, presumir, considerar, confiar em, ter confiança.

Analisando as palavras supramencionadas, podemos perceber de pronto a força expressiva que há nelas. Note-se, inclusive, que se chamarmos “comunista” a um comunista, decerto ele não se sentirá ofendido (mesmo que o nosso tom de voz expresse rejeição à palavra), pois é fiel as suas idéias e ideologia, caso contrário, não se teria intitulado como tal. Repare-se que a carga de força expressiva que cada palavra deste campo associativo carrega é extraordinariamente positiva; acrescenta-se a isto, a significativa porção de conhecimento exigida daquele que adere a tal ou qual doutrina para que o faça com a consciência que essa adesão implica. É muito estranho, por exemplo, um indivíduo que afirme categoricamente que é budista, e não saiba sequer quem foi Buda, ou até saiba, mas desconheça sua filosofia de vida, princípios e crenças. Além disso, para ser partidário de uma doutrina ou sistema, não é bastante simpatizar com este ou aquela; são necessários amplos conhecimentos e, porque não, um certo grau de intelectualidade ou inteligência? Afinal, muitas dessas doutrinas e sistemas são de extrema complexidade e exigem que o adepto seja dotado de grande capacidade de raciocínio, saiba problematizar a realidade que o cerca, questioná-la em seus alicerces e argumentar coerentemente a favor de sua ideologia.

Por todos esses motivos, não seria absurdo dizer que o prestígio sócio-cultural expresso pela grande maioria dos agentivos em -ista parece advir daí ou, pelo menos, ser reforçado por essas características que inferimos sobre o paradigma da relação x-ismo / x-ista. Mesmo que postulássemos uma regra de neutralidade, como sugere a existência de *manobrista / manobreiro*, por exemplo, dificilmente apareceriam formações do tipo budeiro*, esquerdeiro*, comuneiro* etc., a menos que o falante queira atribuir a tais formas um sentido pejorativo, conforme atestam formações tais como sambeiro* (em lugar de sambista), noveleiro, flauteiro etc.; observe-se aí mais um uso do sufixo -eiro, qual seja o de atribuir um sentido pejorativo às formas, quando empregado em lugar de -ista.

Vejam agora as formações “tenista” e “alpinista” (esta não está em nosso corpus); talvez possamos depreender daqui algumas considerações importantes. Miranda (1979) inclui a primeira forma no grupo **B**, dos agentivos em -ista, e ressalta, além do traço [+ concreto] da base, que, apesar de sua inserção no padrão geral de seu grupo (o que faz que o sentido geral seja mantido), há nesta forma uma especificação de sentido, pois “tenista” não é o especialista em tênis, mas *o que joga tênis*. Por outro lado, o alpinista é aquele que *pratica o alpinismo*; pode-se notar de pronto aqui a relação x-ista / x-ismo. Não obs-

tante, a forma “alpinista” não está inserta no paradigma subjacente aos agentivos do grupo **A**; note-se que “alpinismo” não é doutrina nem sistema político; portanto, a mesma regra que forma, por exemplo, “vanguardista” não forma “alpinista”. A menos que se descubra um poder ainda maior de generalização para as regras formadoras dos agentivos do grupo **A**, a forma “alpinista” deverá ser previsível em outro paradigma.

A formação “tenista” está inscrita no grupo **B** de agentivos denominais em -ista, pois o ténis, além de esporte, pode ser considerado uma profissão; há os tenistas profissionais que participam de torneios, inclusive internacionais, e recebem remuneração por isto; já a forma “alpinista” não sugere profissão, somente esporte ou “hobby”. Note-se, todavia, que para se praticar alpinismo, não é suficiente ter vontade de: há que se ter um instrutor; para isto existem as escolas de alpinismo. Agora, um fato curioso: o instrutor de alpinismo, que também é alpinista, é um profissional e tira seu sustento de sua profissão. Esse fato nos leva a seguinte indagação: deveríamos “dividir” em duas a forma “alpinista”? E se assim fosse, “alpinista-instrutor” poderia enquadrar-se no grupo **B** dos agentivos em -ista, mas e o “alpinista-aluno”? Ao par dessas questões, repare-se ainda a força expressiva da palavra “alpinista”; integram o mesmo campo associativo dessa formação palavras como “for-

ça” e “saúde”, pois uma pessoa franzina, de compleição delicada e saúde precária, dificilmente poderá escalar montanhas. Dessa forma, há um forte sentido positivo que reveste a palavra, em oposição à pejoratividade atribuída a certas formações pelo sufixo -eiro. Estas considerações inegavelmente reforçam a oposição existente entre os sufixos -ista e -eiro.

Miranda (1979), em sua análise dos agentivos do grupo **B**, afirma que os nomes de base são marcados por dois traços, a saber: [+ concreto] ou [[- concreto] ^ [+ especialidade]]; além disso, estes agentivos revelam o sentido geral de “especialista em x”. Essa leitura semântica de “especialista em x” merece algumas considerações; observem-se os grupos de agentivos abaixo:

Grupo 1	Grupo 2:
Oceanografista	Foguista
Contabilista	Maquinista
Cientista	Faturista
Traumatologista	Linotipista
Ortodontista	Copista
Optometrista	Marmorista
Museologista	Eletricista
Musicista	Radiotelegrafista
Sexologista	Correntista

Note-se agora a definição de “especialista”, segundo Aurélio B. de H. Ferreira (1986: 701): “(...) 1. Pessoa que se consagra com particular interesse e cuidado a certo estudo. 2. Pessoa que se dedica a um ramo de sua profissão. 3. Pessoa que tem habilidade ou prática especial em determinada coisa. (...)”.

Se tomarmos a acepção 3 da definição supra, poderemos igualar os dois grupos de agentivos; esta acepção pode inclusive abarcar formas como “leiloeiro”, “toureiro”, “tintureiro” etc.; afinal, as profissões de leiloeiro, toureiro, tintureiro e muitas outras em -eiro, em diferentes graus, exigem habilidade e prática especial; imagine-se, por exemplo, um leiloeiro que não tivesse uma habilidade toda especial em lidar com o público e, por conseguinte, “vender o seu peixe”?

Mas a coisa não é tão simples assim; se compararmos os agentivos das duas colunas, veremos que há um certo distanciamento entre eles, distanciamento este que se aprofundará se compararmos ambos os grupos com os dois que seguem:

Grupo 3:
Carroceiro
Leiteiro
Lavadeira

Grupo 4:
Ascensorista
Florista
Recepcionista

Cesteiro
Boiadeiro
Porteiro
Vaqueiro
Jardineiro
Padeiro
Carteiro

Balconista
Droguista
Telefonista
Calista
Comentarista
Radialista
Esteticista

O grupo 1 inscreve profissões que requerem, no mínimo, um curso universitário; incluem-se neste rol, entre outras, as especialidades médicas que, em sua esmagadora maioria, têm os agentivos correspondentes em -ista. Já os agentivos do grupo 2, além da enorme defasagem de status em relação ao grupo 1, não exigem curso universitário, necessitam, sim, de uma técnica que pode, ou não, ser adquirida por meio de um curso técnico. Dessa forma, comparando os grupos 1 e 2 de agentivos em -ista, não se pode negar a presença do traço [+especialista], mas também há que se reconhecer a existência de graus de especialidade, fato este que, embora não interfira no sentido geral expresso pelos agentivos em -ista (do grupo **B** de Miranda), deveria ser formalizado. Isto sugere uma extensão da regra formadora desses agentivos, pois, efetivamente, há especificações de sentido reveladas por inúmeras formações, e não podemos fechar os olhos para elas.

O grupo 3, por seu turno, se quisermos falar em termos do traço [+ especialista], está bastante distanciado dos grupos 1 e 2; diria até que há um enorme abismo entre eles. De imediato, podemos notar que é incontestemente a inexistência do traço [+especialista]; ao contrário, estas formações parecem revelar o traço [+ manual] e não será preciso dizer que, em termos de prestígio sócio-cultural, têm pouco ou nenhum. Ressalte-se que as formações “boiadeiro” e “vaqueiro” talvez sejam mais valorizadas nas áreas rurais se conjugadas, por exemplo, a “fazendeiro” (que, referentemente ao status, foge ao padrão geral de seu grupo). Retornaremos mais tarde aos agentivos em -eiro.

Por falar em “fuga dos padrões”, vamos voltar agora a este ponto por meio do grupo 4. Os agentivos listados neste grupo fogem completamente ao padrão geral estabelecido pelo grupo **B** de Miranda (1979), tanto em termos de status como em relação ao sentido geral de “especialista em x”.

Com base nas conclusões de Miranda (1979), Pauliukonis (1981) formula uma nova regra – a terceira – para a formação dos agentivos em -ista, que abarca não só os do grupo 4, mas também vários outros. Esta regra foi assim formulada: *certos nomes de profissões podem ser substantivos ou adjetivos predicativos, formados pelo acréscimo do sufixo -ista a uma*

base nominal, pertencente à classe mais ou menos concreta e mantêm o traço semântico de: “receptor, atendente, que trabalha com o público”. Após citar os exemplos pertinentes, a autora afirma ainda que são formadas também por esta regra “(...) de um modo geral, profissões que apresentam um traço de “performance” perante o público: artistas em geral, pugilistas, humoristas, equilibristas, malabaristas, trapezistas etc.”.

Tais profissões não possuem como marcante o traço “especialidade” e nem possibilitam a relação -ista / -ismo. Trata-se, todavia, de um padrão lexical bastante produtivo que registra a relação transparência semântica / produtividade, pois o sentido é definido sem ambigüidade pelos falantes. Como vimos, não entram no esquema proposto pelas duas regras de Miranda (1979); concluímos então tratar-se de mais uma regra de formação de palavras, cuja análise estrutural indica que esses nomes em -ista são nomes de profissões com os traços de: “servir, receber pessoas, atender, falar para o público”.

Esta nova regra de formação de agentivos em -ista cobre um número significativo de formas que, de outro jeito, estariam a descoberto; este fato é corroborado pela inegável produtividade do padrão lexical envolvido. Aqui, porém, há algumas considerações que podem ser depreendidas, à medida que exa-

minamos algumas das formações do grupo 4 e outras já citadas pela autora, à luz desta nova regra.

Se analisarmos atentamente as formações do grupo 4, vamos perceber de imediato algo parecido com os graus de especialidade sugeridos ao compararmos os grupos 1 e 2; vejamos: os traços estabelecidos pela autora realmente procedem e, de posse deles, podemos condensá-los em um único traço, qual seja o relacionamento com o público; se considerarmos um grau maior de abstração depreendido desse traço, diremos pura e simplesmente que **há uma relação** com o público. E é justamente aí que está o ponto-chave, já que há formas e formas de se relacionar com o público; por outras palavras, há diferentes modos de relação com o público. Vamos comparar, por exemplo, o balconista com o ascensorista: o primeiro dirige-se ao público com muito mais freqüência do que o segundo; a forma de se dirigir também é completamente diferente, pois o trabalho do ascensorista é muito mais mecânico, aliás, é quase automático, tanto que seria o caso de questionarmos se este agentivo poderia realmente enquadrar-se nesta nova regra. Não obstante, se compararmos um elevador com ascensorista e outro sem este profissional, perceberemos que a regra realmente subjaz à formação desse agentivo; basta pensarmos que elevadores que têm ascensorista, principalmente os automáticos ou

os não equipados adequadamente, oferecem uma segurança muito maior e, precisamente aí, podemos visualizar o já mencionado traço; portanto, há uma relação; diferente, mas há. Dessa forma, não é o elevador que oferece a segurança, mas a pessoa que está habilitada para manejá-lo, inclusive nas situações de emergência. Observe-se ainda que até a simpatia ou o humor alterado do balconista serão muito mais perceptíveis ao público do que estes mesmos comportamentos por parte do ascensorista. Esse fato igualmente decorre da forma diferente de se relacionar. Por outro lado, os profissionais que trabalham no circo (malabaristas, trapezistas etc.), já mencionados pela autora, indiscutivelmente apresentam-se para o público, mas geralmente não se comunicam com este e, muitas vezes, até mesmo o “muito obrigado” resume-se a um movimento de cabeça. O comentarista e o radialista falam para pessoas que não vêem e não ouvem. No caso do radialista, se um ouvinte liga para a rádio, há um momento de comunicação bilateral, mas não é, por exemplo, como a telefonista que, na grande maioria das vezes, não vê, mas ouve todo o tempo aquele que necessita de seus serviços.

Por todas essas diferenças, talvez fosse interessante que as especificações semânticas de cada regra contivessem um número maior de traços. Vamos explicitar isto por meio da

análise de mais um traço, qual seja o traço “manual”. Veja-se primeiramente a definição extraída do Aurélio (1986: 1084): “(...) 1. Relativo a mão: habilidade manual. 2. Feito com as mãos: trabalho manual. 3. Que é manobrado ou acionado com as mãos: máquina manual. (...)”.

Se tomássemos a acepção 1 da definição supramencionada para representar o traço, muito possivelmente, teríamos problemas; o traço assim delimitado praticamente iguala um cirurgião-dentista a um sapateiro, por exemplo, pois ambos trabalham a maior parte do tempo (senão quase todo) com as mãos e mais: ambos necessitam de habilidade manual para os tipos de trabalho que executam; acrescente-se ainda que, de um modo geral, todos os tipos de profissão fazem uso das mãos em grau maior ou menor e também de formas diferentes. De posse desses dados, vamos observar um fato interessante; veja-se a lista de agentivos que segue:

Luveiro; salsicheiro; costureiro; motorista; cabineiro; pipoqueiro; cozinheiro; trapezista; confeiteiro; biscoiteiro; chapeleiro; malabarista; copeiro; sorveteiro; cinteiro; gasista; doceiro; caminhoneiro; cartazeiro; tratorista; pasteleiro; açougueiro; motorneiro; médico-legista.
--

Se nos guiarmos pela acepção 1 da definição de “manual”, diremos sem medo de errar que todos os agentivos desta lista exibem esse traço e o médico-legista mais do que todos, pois seu trabalho exige grande habilidade manual. Dessa forma, um único traço praticamente iguala todos estes agentivos, que são formados por regras distintas entre si. Por outro lado, se elegermos um outro traço, por exemplo, “intelectual” e conjugarmos este traço ao “manual”, teremos duas especificações semânticas para a mesma regra, fato este que além de não interferir no poder de generalização da regra, delimita mais precisamente as especificações semânticas de cada profissão, pois a presença desses dois traços juntos eliminará, um a um, todos os agentivos listados, à exceção de “médico-legista”, pois é inconteste o fato de não podermos atribuir o traço “intelectual” aos demais agentivos da lista.

Da mesma forma, se comparamos, por exemplo, *endocrinologista / desenhista / taxidermista*, o sentido geral de “especialista em x” está mantido, mas note-se aqui três gradações diferentes de especialidade; se elegermos os traços “curso universitário” e “curso técnico”, por exemplo, o endocrinologista teria como um de seus traços o de “curso universitário”; o de-

senhista poderia ter qualquer um dos dois e o taxidermista não teria nenhum desses (pelo menos, nunca ouvi falar em “curso técnico de taxidermia”). Para esclarecer melhor o que estou sugerindo, vamos comparar os traços “especialista” e “penetrável”.

Ressalte-se, inicialmente, que tudo na língua são oposições; assim, temos, por exemplo, *sonoro / surdo, animado / inanimado, masculino / feminino, etc.*; *sonoro, animado e masculino* são traços binários que revelam a presença ou a ausência da qualidade representada pelo traço. Há, porém, oposições que são graduais e é justamente esse tipo de oposição que vai interessar no momento. Não existe uma oposição binária entre os graus de penetrabilidade da matéria, ao contrário, há uma gradação que pode ser assim explicitada: [1p] = [1 penetrável], [2p] = [2 penetrável] e [3p] = [3 penetrável]; vejam-se os exemplos que seguem: com base nesta classificação, o oxigênio é [1p], o leite é [2p], uma caneta é [3p] e uma substância qualquer é [p], o que equivale a dizer que a substância não é necessariamente sólida, líquida ou gasosa. Temos, pois, três graus de penetrabilidade para a matéria.

Agora, podemos retornar ao traço “especialista em x”; da mesma forma que o traço “penetrável”, há uma gradação no

traço “especialista” para os agentivos em -ista formados pela regra da qual se depreende este traço como sentido geral para esses agentivos, conforme podemos perceber nos exemplos dados. Assim, hipoteticamente, poderíamos atribuir o grau 1 para “curso universitário” (= 1E) e 2 para “curso técnico” (= 2E); note-se que “E” = “Especialista”. Dessa forma, endocrinologista seria [1E], desenhista seria [E], ou seja, não necessariamente “curso universitário” ou “curso técnico” e para taxidermista teria que se criar uma outra especificação e atribuir um grau a esta que poderia ser, por exemplo, [3E]. Para os agentivos em -eiro teríamos [∅], que significa “ausência do traço”.

Poderemos visualizar melhor a importância de um maior número de especificações semânticas por meio do seguinte exemplo: vamos tomar o traço “animado” e especificá-lo pelo sinal “+”; dessa forma, teremos [+ animado], o que exclui de imediato conjuntos do tipo “mesa”, “cadeira” e “borracha”, por exemplo; já o conjunto “jacaré”, “menino” e “maribondo” tem a especificação [+ animado]. Se a [+ animado] conjugarmos [- humano], teremos de excluir “menino” do conjunto anterior, pois estaremos nos referindo apenas à classe dos animais; vamos agora, acrescentar outros semas aos dois primeiros e afuni-

lar o processo: [+ felino], [+ macho] e [+ sensual]. Temos então o seguinte semema: [+ **animado**, - **humano**, + **felino**, + **macho**, + **sensual**]; este semema, indiscutivelmente, não pode ser atribuído a qualquer animal, pois delimita o seu campo de tal forma que exclui todo animal que não tenha as características [+ felino] e [+ sensual], pois as outras todo animal tem (ressalte-se que para ter este semema o animal terá de ser macho, conforme indica o sinal “+”). Vejamos exemplos de animais que podem ter este semema: pantera, onça, tigre, gato etc. (todos machos); ocorre que, mesmo com o campo delimitado, toda a classe dos felinos (à exceção das fêmeas) pode ser dada como exemplo (note-se o poder de generalização do semema); por outro lado, se acrescentarmos o sema [+ doméstico], o semema resultante só poderá ser atribuído ao gato, pois não conheço quem crie tigres, onças ou panteras em casa, aliás, esta hipótese parece-me completamente hilária e absurda.

Não estou sugerindo que seja feita uma classificação exaustiva no que tange às profissões, mas acredito que um acervo maior de especificações semânticas para cada regra formadora dos agentivos em -ista e -eiro, além de delimitar melhor os diferentes grupos de profissões, forneceria uma solução mais adequada para a questão da gradação, já referida anteri-

ormente; tudo isto sem alterar o poder generalizador de cada regra, o que é de suma importância.

Descobrir semas é mais um dos fascinantes recursos que a língua nos proporciona, pois ela é uma fonte perene para novas pesquisas. Vejam-se, por exemplo, os verbos “beber” e “tomar”; teoricamente, são sinônimos (mesmo que não sejam perfeitos); entretanto, bebemos água, mas não bebemos nem sopa nem sorvete; em vez disso, tomamos sopa, bebemos cerveja e tomamos sorvete. E eu pergunto: Qual o sema que está “pegando”? Claro está que este é um problema de projeção sêmica: não bebemos papel porque este é sólido e o verbo “beber” projeta em seu objeto o sema [2p] (2p = 2 penetrável = líquido); e o verbo “tomar”? Por outro lado, se colocarmos a sopa num copo podemos “bebê-la” (claro, se estiver muito “rala”). Não obstante, não fica “esquisito” dizer “vou beber a sopa”? Confesso que ainda estou procurando a resposta para tais fenômenos.

Após esta breve digressão, vamos voltar aos nossos agentivos denominais.

Particularmente, com relação às profissões, temos um campo vasto e fecundo; o SENAI, por exemplo, é uma verda-

deira “caixa de surpresas” para a descoberta de novos traços, pois oferece fartura de cursos profissionalizantes rápidos (duração de alguns meses); além disso, há programas preparatórios de mão-de-obra, de forma que muitos traços para os agentivos em -eiro poderiam ser assim descobertos. Para agentivos em -ista, traços do tipo “curso universitário com especialização”; “curso universitário sem especialização”, “curso técnico” (qualquer um com duração de cerca de 3 anos) seriam mais adequados. Para os agentivos em -eiro, traços do tipo “curso profissionalizante” (com duração de alguns meses), “preparatório de mão-de-obra” e “aprendizagem de campo” (no próprio emprego), igualmente, seriam mais apropriados; curiosamente, o sema hipotético “curso profissionalizante” poderia servir para alguns agentivos em -ista (taxidermista?). Desnecessário dizer que todos estes semas obedeceriam a uma escala de gradação, conforme sugerido anteriormente.

Uma observação mais ainda é válida; para os agentivos que exibirem traços binários, podemos estabelecer um paralelo com a hiperonímia. Vejamos os quadros abaixo:

Animal:

Semas: [+ ANIMADO] e [- HUMANO] (*traços especificados*).

Gato:	Onça:	Barata:
[+ ANIMADO]	[+ ANIMADO]	[+ ANIMADO]
[- HUMANO]	[- HUMANO]	[- HUMANO]
[+ vertebrado]	[+ vertebrado]	[- vertebrado]
[+ felino]	[+ felino]	[-----]
[+ doméstico]	[- doméstico]	[-----]

Os traços especificados do hiperônimo (neste quadro, “animado” e “humano”) são os traços comuns aos hipônimos (gato, onça e barata); os demais traços do hiperônimo são não-especificados. Agora, transfira-se isto para o estudo dos agentivos; note-se que a força generalizadora do hiperônimo por si só já daria conta do poder de generalização de cada regra, e os hipônimos (que seriam agentivos) estariam especificados mais adequada e fidedignamente (a viabilidade destas sugestões necessita de ser comprovada).

Vamos agora retornar ao traço “manual”, pois há um ponto importante a ser ressaltado: *a definição operacional*. As definições dicionarizadas nem sempre refletem a intuição dos falantes; Pauliukonis (1981: 8) afirma que os agentivos em -eiro designam “profissões ligadas a atividades manuais, braçais”; essa caracterização contrasta com a acepção 1 da definição de “manual” extraída do Aurélio (1986). Se definíssemos o traço “manual” como “atividade braçal”, logicamente o cirur-

gião-dentista não mais teria esse traço. Repare-se aí a importância de definirmos operacionalmente cada traço; por outras palavras, *operacionalizar um traço* significa defini-lo e delimitá-lo com a maior precisão que se possa alcançar (lembramos de que estamos lidando com muitos traços subjetivos). Note-se também que o traço “manual” assim definido (atividade braçal) não pode ser conjugado ao traço “intelectual” e com isto, retornamos à nossa velha e conhecida oposição “-ista x -eiro”. Vejamos o que nos diz Miranda (1979:88) a respeito das paráfrases para cada um desses sufixos:

Existe uma outra possibilidade de análise para tais regras: seria a de atribuir a -ista uma agentividade [+ intelectual] e a -eiro uma agentividade [- intelectual], ou seja, enquanto as formas em -ista seriam cobertas pela paráfrase “especialista em x”, a paráfrase para as formas em -eiro teria que ser algo como “que faz algo em relação a x”.

Não há dúvida nenhuma de que concordo com a autora, mas volto a insistir no problema da *definição operacional*; há um exemplo interessante que desejo relatar: certo dia, estava eu no ônibus distraída, quando uma placa pendurada numa árvore chamou minha atenção; só me recordo da frase inicial (mas como é a mais importante...): “vidraceiro: especialista em vidros...” (os grifos são meus). Em princípio, nada impede que vidraceiros, sapateiros ou pasteleiros, por exemplo, conside-

rem-se especialistas; há aqui inúmeros fatores subjetivos, afinal, a língua não é uma ciência exata e é justamente por isso que devemos definir, com o máximo de precisão possível, cada traço, caso contrário, *todos serão tudo*.

Vamos agora analisar alguns pares de agentivos bastante interessantes:

Vidracista / vidraceiro; florista / floreiro; manobrista / manobreiro; cartazista / cartazeiro; cancionista / cancioneiro; marmorista / marmorário; fazendista / fazendeiro; cilindrista / cilindreiro; calandrista / calandreiro;
--

Nesses pares, não basta dizer que temos estruturas lexicais compostas de base + afixo; também não podemos afirmar que há uma uniformidade de sentido nos dois conjuntos de agentivos somente porque cada conjunto é formado por um mesmo sufixo (não seria uma enorme tentação?); ao contrário, há muitas diferenças aqui, muitas perguntas a serem feitas e poucas respostas. Em princípio, o único par que parece refletir a oposição -ista x -eiro é “cartazista / cartazeiro” (vejam-se as

definições no corpus). Os pares “manobrista / manobreiro”, “cancionista / cancionero” e “florista / floreiro” têm formas sinônimas (segundo o Aurélio, 1986), mas, não obstante, os agentivos dos dois primeiros pares parecem ser usados indistintamente, ao passo que no terceiro par a norma consagrou somente o primeiro agentivo do par.

E aí está nossa primeira pergunta sem resposta: a que se deve esse fato? Já o par “fazendista / fazendeiro” nos oferece duas formações que só têm em comum a base (e, mesmo assim, na forma, porque aqui temos “fazenda” em duas acepções distintas); por outras palavras, à exceção da forma da base, não há absolutamente nada em comum entre os dois agentivos do par; no entanto, estes designam duas ocupações de status, respectivamente, na área urbana e na rural. O par “calandrista / calandreiro”, por seu turno, revela agentivos que designam ocupações com um certo grau de especialização; por outro lado, a acepção 2 de “calandrista” iguala este agentivo a “calandreiro”. O par “cilindrasta / cilindreiro”, por sua vez, mostra agentivos que designam ocupações diferentes e que pressupõem algum tipo de preparo especializado. O par “marmorista / marmorário” revela agentivos dados como sinônimos pelo dicionário; apesar disso, não posso afirmar se estas formas são usadas indistintamente ou não; minha intuição de falante pouco ou nada

me diz a esse respeito. Finalmente o par “vidracista / vidraceiro” mostra agentivos que designam ocupações distintas, mas que têm relação com o significado da base; um sema que poderia ser atribuído ao primeiro agentivo deste par seria [+ arte]; a presença do traço “arte” em inúmeras profissões é uma constante. Este poderia ser mais um traço para diversas ocupações, dentro do que foi sugerido aqui, com relação a um maior número de especificações semânticas para cada regra.

Já havia sugerido anteriormente uma possível regra de neutralidade subjacente a certos agentivos para explicar o uso indistinto de certas formações que têm a mesma base, sufixos diferentes e são dadas como sinônimas; pergunto-me agora se a eufonia não seria também responsável (entre outros possíveis fatores) pela escolha de uma forma em detrimento de outra; a formação “floreiro”, embora dicionarizada, soa mal aos meus ouvidos (este agentivo não foi consagrado pela norma); por outro lado, quando imagino “gaseiro”* em lugar de “gasista”, penso em “fabricante de gaze” (em língua escrita, a forma teria que ser “gazeiro”*).

Observem-se os grupos abaixo:

Grupo 1:
Peixista* / peixeiro
Tinturista* / tintureiro
Livrista* / livreiro
Engenhista* / engenheiro
Ferrista* / ferreiro
Cozinhaista* / cozinheiro
Sapatista* / sapateiro
Pastelista* / pasteleiro
Barbista* / barbeiro
Sorvetista* / sorveteiro

Grupo 2:
Balconeiro* / balconista
Massageiro* / massagista
Telefoneiro* / telefonista
Eletriceiro* / eletricista
Modeiro* / modista
Cambeiro* / cambista
Recepcioneiro* / recepcionista
Radiotelegrafeiro* / radiotelegrafista
Folhetineiro* / folhetinista
Linotipeiro* / linotipista

Os agentivos marcados por um asterisco são formações estranhas aos nossos olhos e ouvidos; diria até mesmo que algumas delas parecem atribuir uma forte pejoratividade ao “profissional” supostamente designado. Parece-me que a eufonia, de certa forma, reflete o gosto do falante por tudo aquilo que é bom e belo para os seus olhos e ouvidos. Talvez aí, tenhamos mais um caminho para nos enveredar nessas pesquisas.

Vamos agora retornar ao sufixo -eiro e sua extraordinária produtividade. Nas palavras de Said Ali (1964: 242):

Nem sempre se tira o nome de pessoa diretamente do nome do objeto ou objetos materiais em que se ocupa. Pode filiar-se também a nomes de ofícios em -aria, co-

mo marceneiro, serralheiro que se prendem aos vocábulos marcenaria, serralharia. Pode também ser um termo introduzido do estrangeiro, como joalheiro.

Esse trecho de Said Ali servirá de base para expressar meu pensamento. Vejamos; quando Miranda (1979) fala da relação paradigmática geral x-ista / x-ismo e dos agentivos em -ista que se incluem nesta relação, cita Basílio (1991: 74) e ressalta que essa autora, atenta aos diversos tipos de relação paradigmática, descreve esse tipo de relação lexical; esta descrição se dá do seguinte modo: “(b) [xy] \leftrightarrow [xw]; (b) “Expressa a relação entre duas entradas lexicais formadas por duas RFPs. sistematicamente relacionadas”.

Miranda (1979:79), com base nessa descrição, afirma que dada uma forma em x-ista pode-se prever a forma correspondente em x-ismo e vice-versa. Afirma ainda que:

(...) – o de verificar em que medida uma compreensão maior dos diferentes tipos de relações paradigmáticas do léxico poderia contribuir na análise dos fenômenos relativos à produtividade lexical.

(...) a relação paradigma / produtividade, sugerida por Basílio, aparece como um fator essencial na determinação da produtividade das regras morfológicas aqui descritas.

Os agentivos em -eiro têm base nominal e, entre suas formas, as que nos interessam têm sua produtividade marcada

basicamente pelos traços [+ humano], [+ concreto] e [- formal].
Tomando por base estes agentivos e unindo às de Miranda as
palavras de Said Ali, vamos chegar aos seguintes resultados:

(A) Nome do objeto > Nome de pessoa:

livro > livreiro
sapato > sapateiro
peixe > peixeiro
sorvete > sorveteiro
... ...
... ...
x > x-eiro

(B) Nome de pessoa > Nome de ofício:

sapateiro < > sapataria
livreiro < > livraria
pasteleiro < > pastelaria
peixeiro < > peixaria
padeiro < > padaria
queijeiro < > queijaria
seleiro < > selaria
vidraceiro < > vidraçaria
... < > ...
... < > ...
x-eiro < > x-aria

Vamos agora analisar (A) e (B); (A) nos revela uma regra de formação de agentivos em -eiro: dada uma base nominal (livro), basta que adicionemos a ela o sufixo -eiro e está formado o agentivo que traduz o sentido geral “que faz algo em relação a x”; de (B) podemos depreender uma relação paradigmática geral do tipo x-eiro / x-aria; a entrada lexical x-aria traduz o sentido geral de “lugar onde se faz ou se vende x”. Os agentivos em -eiro listados em (B), entre outros, incluem-se nesta relação; além disso, dada uma forma em x-eiro (marceneiro) pode-se prever a forma correspondente em x-aria (marcenaria) e vice-versa.

Temos neste paradigma duas regras bastante produtivas, fato este que confirma as análises de Basílio a respeito da relação paradigma / produtividade. Deve-se notar, todavia, que muitas formações não se incluem nesse paradigma; veja-se, por exemplo, “alfaiataria” / “alfaiate” (e não “alfaiateiro”*); além disso, há formações em -aria que não traduzem o sentido geral já mencionado (“portaria”, “engenharia”); estas sugerem que, independentemente da relação paradigmática x-eiro / x-aria, existe na língua uma (ou mais) regra que adiciona -aria a bases, sem que isto implique uma inserção no padrão de relação x-eiro / x-aria.

Com isto, chegamos ao final deste trabalho. Parece-me que a oposição **-ista x -eiro**, nos termos colocados por Miranda, de fato existe e é bastante forte; apesar disso, claro está que não podemos alicerçar, por meio desta oposição, todos os agentivos que designam profissões, pois, conforme já foi mostrado aqui, há exceções e repare-se que não são poucas. Segue uma pesquisa que, entre outras coisas, tentará ratificar as colocações de Miranda, com relação ao status atribuído pelos sufixos; lá tecerei maiores comentários a esse respeito.

Há, contudo, uma perspectiva de análise que não pode ser preterida: refiro-me ao aspecto social; essa questão de status e prestígio sócio-cultural é injusta e reflete uma sociedade mal organizada hierarquicamente e preconceituosa, afinal, o que seria dos “istas” se não existissem os “eiros”? Imagine-se, por exemplo, uma cidade sem lixeiros ou a exportação do país sem os laranjeiros, arrozeiros e tantos outros; se repararmos com mais atenção nas pequenas coisas que fazemos durante o dia, perceberemos que não podemos prescindir dos “eiros”, senão vejamos: de manhã, comemos o pão que é feito pelo *padeiro*; em seguida, vestimo-nos e calçamos os pés com os sapatos feitos pelo *sapateiro*; nossas roupas sujas são entregues aos cuidados de *lavadeiras e passadeiras*; e nosso quarto, aos préstimos de uma *arrumadeira*. Saímos de casa e deixamos nosso

prédio bem guardado por um *porteiro*; na saída, recebemos a correspondência, ansiosamente esperada, das mãos do *carteiro*; até para uma simples chave que enguiça na fechadura, necessitamos de um “eiro”, qual seja o *chaveiro* e assim por diante. Frente a isto, estas profissões desprestigiadas pelo status devem, no mínimo, ser respeitadas, pois, em essência, em maior ou menor grau, todos precisam de todos; há aqui um intercâmbio, um necessitar mútuo e isto jamais poderá ser relegado a um segundo plano.

Veja-se a seguir a beleza do texto “A hora dos ruminantes” de José J. Veiga:

Ofícios - JOSÉ J. VEIGA

- Comigo perdem o tempo. Meu ofício é malhar ferro.

Manuel pensou no seu ofício de cortar madeira, comparou os dois materiais. A diferença teria algum efeito na resistência das pessoas que lidam com um e outro? Bobagem. Pau é pau, ferro é ferro; e gente é gente. Um homem vai ser ferreiro, ou carpinteiro ou sapateiro é por acaso, como aconteceu com ele Manuel. O pai era carpinteiro, ele teve também de aprender o ofício, para ajudar; não podia ficar o tempo todo zanzando sem ocupação. Vai ver que com o Apolinário aconteceu do mesmo jeito. Mas será que não entra a força da vocação? Muitos rapazes quiseram aprender carpintagem com ele, mexeram, viraram, largaram, não aprendiam nem pegar as ferramentas.

E será também que o costume de lidar sempre com o mesmo material entra ano sai ano não vai influenciando na

alma da pessoa, contagiando moleza ou dureza? Reparando bem, parece que cada um vai apanhando cara do ofício que desempenha.

Pensando nisso, ele olhou para Apolinário. A cara cheia, quadrada de carne dura, parece que posta em pedacinhos, acalçados à força; a testa larga, com um carço de cada lado, como inchaços encravados; o nariz grande bem enterrado na cara, os olhos pequenos para não gastar muito espaço; o queixo largo, de ponta entortada para frente; o pescoço quase da grossura da cabeça. Essa cara de Apolinário não poderia nunca ser cara de latoeiro, por exemplo. Latoeiro era João José, miudinho, ratinho, ombros estreitos de menino, mãos miúdas, não precisavam ser grandes para cortar folha, coisa tão mole. João José, enroladinho, lustroso, resmungão, de vez em quando se rebelando e arranhando os que lidam com ele.

E ele Manuel? Mole como madeira no ferro? Às vezes querendo fingir dureza, inventando nós que a ferramenta não respeita, passa por cima e iguala? As mãos do carpinteiro, o corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira. Em madeira não se trabalha batendo com força, com raiva; só lenheiro faz isso, mas lenheiro é quase igual ao machado que ele levanta e abaixa sem dó, sem consideração; basta olhar a cara de um lenheiro para se ver que ele não tem delicadeza nem tato; não precisa.

Ferreiro também trabalha batendo, pondo força. Mas tem uma diferença: ele tem uma medida a encher, um ponto a chegar, uma idéia a seguir; não bate para cortar nem rachar, arredondar, conformar. Ferreiro trabalha fazendo, não desmanchando; e se desmancha é para fazer de outro jeito. *Na brutalidade do ferreiro tem uma delicadeza escondida.* (Grifo meu).

4. ANÁLISE DA PESQUISA

Pesquisa composta de 14 perguntas.

População-alvo: falantes nativos da língua portuguesa com idade, sexo e nível de escolaridade variáveis.

Nota 1: A pesquisa foi feita com 20 falantes. Claro está que este quantitativo é insuficiente para testar e comprovar hipóteses; não se pode afirmar que novas descobertas foram feitas; entretanto, a experiência foi válida e muitas coisas interessantes puderam ser ditas.

Nota 2: A análise das pesquisas será feita em duas partes: uma estatística; outra, de observações a respeito dos resultados.

4.1. PARTE 1: ESTATÍSTICA

Pergunta 1: 16 falantes responderam “florista”; 2 responderam “João”; 1 respondeu “Raimundo”; 1 respondeu “vendedor”.

Pergunta 2: 9 falantes responderam “manobreiro”; 7 responderam “manobrista”; 1 respondeu “José”; 1 respondeu “Rafael”; 1 respondeu “Antônio”; 1 respondeu “motorista”.

Pergunta 3: 16 falantes associaram “cartazeiro” a “operário encarregado de colar cartazes” e “cartazista” a “que desenha ou projeta cartazes”; 4 falantes fizeram associação inversa.

Pergunta 4: 6 falantes responderam “cancioneiro”; 3 responderam “cordelista”; 1 respondeu “cançoneiro”; 1 respondeu “cordel”; 1 respondeu “compositor”; 6 responderam “repentista”; 1 respondeu “violeiro”; 1 respondeu “sanfoneiro”.

Pergunta 5: 19 falantes responderam “vidraceiro”; 1 respondeu “vidracista”.

Pergunta 6: 1 falante marcou “ferreiro”; 6 marcaram “retratis-ta”; 7 marcaram “marceneiro”; 4 marcaram “motorista”; 1 marcou “pipoqueiro”; 1 marcou “pasteleiro”.

Pergunta 7: 12 falantes marcaram “esteticista”; 2 marcaram “florista”; 2 marcaram “balconista”; 1 marcou “massagista”; 2 marcaram “camareira”; 1 marcou “cozinheira”.

Pergunta 8: 2 falantes marcaram “corneteiro”; 9 marcaram “violeiro”; 3 marcaram “repentista”; 2 marcaram “sanfoneiro”; 2 marcaram “acordeonista”; 2 marcaram “cancionista”.

Pergunta 9: 1 falante respondeu “calandrador”; 1 respondeu “calandriero”; 1 respondeu “tecitista”; 7 responderam “calandrista”; 6 responderam “calandreiro”; 1 respondeu “fiador”; 1 respondeu “lustrador”; 1 respondeu “ferreiro”; 1 respondeu “marceneiro”.

Pergunta 10: 1 falante respondeu “luvista”; 15 responderam “luveiro”; 1 respondeu “peleteiro”; 1 respondeu “luvinista”; 1 respondeu “vendedor de luvas”; 1 respondeu “fabricante de luva”.

Pergunta 11: 1 falante respondeu “marceneiro”; 4 responderam “marmoreiro”; 4 responderam “marmorista”; 6 responderam “polidor”; 1 respondeu “lustrador”; 3 responderam “polidor de mármore”; 1 respondeu “ferreiro”.

Pergunta 12: 2 falantes responderam “instrumentista”; 7 responderam “cravista”; 8 responderam “pianista”; 1 respondeu

músico (tecladista); 1 respondeu “craveiro”; 1 respondeu “músico”.

Pergunta 13:

(A) 2 falantes responderam “budista / budaísmo”; 18 falantes responderam “budista / budismo”.

(B) 1 falante respondeu “esquerdismo / brizolistas”; 1 respondeu “liberalismo / brizolista”; 4 responderam “PDT / brizolistas”; 5 responderam “brizolismo / brizolistas”; 4 responderam “socialismo / brizolistas”; 1 respondeu “Brizola / brizolistas”; 1 respondeu “Partido dos Trabalhadores / pedetistas”; 1 respondeu “PDT / PDTistas”; 1 respondeu “PDT / comunistas”; 1 respondeu “socialismo / socialistas”.

(C) 1 falante respondeu “capitalistas / capitalismo”; 1 respondeu “trabalhistas / trabalhismo”; 1 respondeu “republicanos / republicanismo”; 11 responderam “getulistas / getulismo”; 1 respondeu “democratas / democracia”; 1 respondeu “getulistas / fascismo”; 1 respondeu “varguista / direitista”; 1 respondeu “esquerdista / esquerdos”; 1 respondeu “getulistas / PTB”; 1 respondeu “getulistas / capitalismo”.

(D) 1 falante respondeu “nazismo / neo-nazistas”; 16 responderam “nazismo / nazistas”; 1 respondeu “comunismo / comunistas”; 1 respondeu “comunismo / nazistas”; 1 respondeu “hitlerismo / hitleristas”.

(E) 1 falante respondeu “comunista / ditadurismo”; 10 responderam “comunistas / comunismo”; 4 responderam “fidelista / fidelismo”; 1 respondeu “fidelistas / comunismo”; 2 responderam “castristas / castrismo”; 1 respondeu “não tenho idéia formada sobre esse assunto”; 1 respondeu “socialista / socialismo”.

(F) 17 falantes responderam “alcoolismo / alcoólatra”; 2 responderam “álcool / alcoólatra”; 1 respondeu “alcoolismo / alcoólico”.

(G) 16 falantes responderam “cristão / cristianismo”; 2 responderam “católico / catolicismo”; 2 responderam “cristãos / catolicismo”.

Pergunta 14: 3 falantes viram fortes traços pejorativos nas 5 formas apresentadas; 7 não viram traços pejorativos em nenhuma das 5 formas; 2 viram traços pejorativos apenas em “comunista”; 1 viu traços negativos apenas em “esquerdista”; 1 viu forte pejoratividade apenas em “anarquista”; 1 assinalou as formas “legalista e “esquerdista”; 1 assinalou “comunista” e “anarquista”; 1 marcou somente “legalista”; 1 assinalou “legalista”, “comunista”, “esquerdista” e “direitista”; 1 marcou as formas “esquerdista” e “direitista”; 1 assinalou “legalista”, “esquerdista” e “direitista”.

4.2. PARTE 2 : ANÁLISE DOS RESULTADOS

Pergunta 1:

A forma consagrada pela norma é “florista”; 80% dos falantes confirmam. A forma “floreiro” (sinônima de “florista”) não figura nas respostas. Claro está que entre a população pesquisada esta formação parece ser desconhecida. Aqui cabe uma pergunta: será que esta forma já foi tão usada como “florista” e, com o passar do tempo, caiu em desuso? Será que houve uma

regra de neutralidade que pouco a pouco foi se tornando improdutiva, em função do maior uso de uma formação, em detrimento da outra?

As respostas “João” e “Raimundo” foram ignoradas por não serem consideradas dados válidos para análise. Quanto à resposta “vendedor”, parece que o falante reteve mais fortemente o verbo “vende” do que a palavra “flores” e, por esse motivo, a derivação não se deu sobre esta última.

Podemos observar ainda que os falantes têm intuições diferentes sobre os fatos da língua.

Pergunta 2:

As respostas “manobreiro” e “manobrista” figuram na pesquisa em um percentual aproximado (respectivamente 45% e 35%). Será que se pode postular (ou verificar) a existência de uma suposta regra de neutralidade subjacente a estas formações? Talvez, se a pesquisa contivesse um número maior de formas e fosse feita com uma quantidade realmente significativa de falantes. Seria uma tarefa enriquecedora procurar verificar a produtividade desta suposta regra (ou, quem sabe, sua improdutividade?).

A forma “manobreiro” com 45% das preferências confirma a associação do sufixo -eiro a atividades de pouco (ou nenhum) prestígio sócio-cultural; por outro lado, o sufixo -ista também foi associado a esse tipo de atividade com um percentual significativo (veja-se também a resposta “motorista”), o que parece constituir uma das exceções já previstas por Miranda (1979).

As respostas “José”, “Rafael” e “Antônio” foram preteridas da análise por não serem consideradas dados válidos.

A resposta “motorista” está no mesmo campo associativo de “manobrista” e “manobreiro” e, uma vez mais, mostramos que os falantes intuem de formas diferentes os fatos da língua.

Pergunta 3:

As formas “cartazista” e “cartazeiro” não são muito conhecidas; mesmo assim, a maioria dos falantes (80%) associou o sufixo -eiro ao operário que executa atividades manuais, braçais, ao passo que o sufixo -ista foi vinculado ao que desenha (projeta) os cartazes (atividade que requer um certo grau de especialização). Os resultados desta pergunta ratificam as colocações de Miranda quanto ao prestígio sócio-cultural atribuído

pelo sufixo -ista ao ser adicionado a uma base; acrescente-se que os tipos de atividades associadas aos dois sufixos também se confirmam (-eiro: atividade manual, braçal; -ista: especialização).

Pergunta 4:

Podemos notar de imediato as intuições diferentes dos falantes pela variedade de respostas obtidas; não obstante, todas elas integram o mesmo campo associativo. As respostas “cordel” e “compositor” não foram computadas para efeitos de análise, pois a primeira é palavra primitiva e a segunda não tem os sufixos que estão sendo pesquisados; a resposta “cançoneiro” foi considerada (o falante intuiu “corretamente”, mas escreveu errado). Temos, assim, um total de 9 respostas em -eiro (45%) e 9 (45%) em -ista. A forma “cancionista” não figura nas respostas, de forma que não se pode sugerir a existência de uma regra de neutralidade subjacente a esta formação e a “cancioneiro”. Pode-se verificar, em termos de uso, uma preferência pelas formas “cancioneiro” e “repentista”, ambas com o mais alto percentual (30% cada). Ressalte-se ainda que as duas (“cancioneiro” e “repentista”) são bastante prestigiosas nas áreas rurais.

Pergunta 5:

Uma vez mais, a maioria dos falantes associa a formação em -eiro ao operário que executa tarefas manuais, braçais. Esta pergunta tem basicamente a mesma interpretação da pergunta 3 (com relação às conclusões de Miranda). Note-se, ainda, que as duas formas não são sinônimas; além disso, o vidrasta também realiza uma atividade manual (mesmo com a presença do traço “arte”) e, ainda assim, 95% dos falantes marcaram a forma “vidraceiro”.

Perguntas 6, 7 e 8:

Essas três perguntas foram elaboradas com o objetivo de verificar se os sufixos influenciariam as escolhas dos falantes, com relação à profissão de seus filhos; por esse motivo, selecionei somente profissões consideradas como tendo pouco prestígio sócio-cultural, pois uma profissão de maior status, certamente favoreceria a escolha, o que dificultaria a confirmação / desconfirmação da hipótese desta pesquisa. Na pergunta 6, tivemos 10 preferências em -eiro e 10 em -ista; na pergunta 7, tivemos 17 preferências em -ista e apenas 3 em -eiro e na pergunta 8, tivemos 13 escolhas em -eiro e 7 em -ista. Esses resultados, à exceção da pergunta 7, contrariam a hipótese de

que o sufixo -ista é mais prestigioso do que o sufixo -eiro, pois em 6 tivemos igualdade nas escolhas e em 8 as profissões em -eiro foram escolhidas em número maior do que as em -ista. Apenas os resultados da pergunta 7 confirmam a hipótese. Contudo, se somarmos os quantitativos das 3 perguntas, teremos 34 escolhas em -ista e 26 em -eiro; esse novo total nos mostra uma maior preferência pelo sufixo -ista, mas, apesar disso, o quantitativo em -eiro não pode ser desprezado, mesmo que o total geral obtido revele o sufixo -ista como mais prestigioso do que o sufixo -eiro.

Pergunta 9:

As respostas dadas estão no mesmo campo associativo, à exceção de “ferreiro” e “marceneiro”, que não sugerem, em princípio, nenhum tipo de associação com a pergunta feita. As formas “lustrar” e “tecidos” (da pergunta) impressionaram mais fortemente dois dos falantes (que responderam “lustrador” e “tecitista”) do que a forma “calandra”. Por aqui, podemos perceber uma vez mais a consciência que o falante nativo tem da língua; a resposta “calandrieiro”, por exemplo, nos revela que a intuição foi “correta”, embora o falante tenha escrito errado a palavra. A forma “calandrador” (não dicionarizada) mostra-nos a fartura de recursos que a língua põe à disposição

do falante para que ele possa criar novas formas, bem como a facilidade com que se utiliza desses recursos para derivar.

Temos um dado interessante nas respostas; as formas “calandreiro” e “calandrista” obtiveram percentual idêntico: 35% cada (a forma “calandrieiro” foi computada). Estaríamos diante de duas formas neutras? Além disso, devemos notar ainda que, uma vez mais, o sufixo -ista foi associado ao “operário” em um percentual que não pode ser desprezado.

Pergunta 10:

Novamente temos aqui o sufixo -eiro preferencialmente associado a uma atividade manual; a forma “luveiro” com 75% das escolhas é a consagrada pela norma. As outras respostas estão no mesmo campo associativo (peleteiro = fabricante e / ou vendedor de peles). Tivemos apenas duas escolhas com o sufixo -ista (sendo que “luvinista” não está dicionarizada); além disso, observamos nesta e em várias outras perguntas que, nem sempre, o falante se utiliza da forma primitiva dada para derivar; com frequência ele se serve de outras bases (geralmente integrantes do mesmo campo associativo) para esse fim.

Pergunta 11:

A palavra “polimento” impressionou 45% dos falantes (tivemos 6 escolhas para “polidor” e 3 para “polidor de mármore”); a palavra “mármore”, enquanto base, derivou apenas 40% das escolhas. A resposta “lustrador” integra, em princípio, o mesmo campo associativo das outras; contudo, as formas “marceneiro” e “ferreiro”, de alguma forma, parecem “destoar” das respostas dadas, a menos que os falantes tenham feito algum outro tipo de associação.

Aqui, temos um fato curioso: as formas “marmoreiro” e “marmorista” obtiveram percentuais idênticos; contudo, a forma “marmoreiro” não está dicionarizada e, mesmo assim, foi utilizada em lugar de “marmorário”. Note-se que o elemento formativo “-ário” é mais formal do que “-eiro”. Teria sido esta a causa desse resultado? Por outro lado, o sufixo -ista foi associado a uma atividade manual por 20% dos falantes.

Vejamos as definições das formas paralelas “obreiro” e “operário”, segundo Ferreira (1986: 1209-1227): “[do lat. Operariu.] (...) 1. Obrador. 2. v. operário.”; “[do lat. Operariu.] (...) 1. trabalhador ou artífice que, mediante salário, exerce uma ocupação manual. (...) [sin. ger.: obreiro. (...)].”. Observe-se

que o dicionário coloca estas formas como sinônimas; parecidos, todavia, que o uso as distingue, como se “operário” tivesse um sentido mais geral e, ao mesmo tempo, mais especializado do que “obreiro”, que parece ser visto como o trabalhador braçal de obras. Neste sentido, a forma “operário” estaria um degrau acima na hierarquia, com relação a “obreiro”. Será possível atribuir isto ao maior grau de formalidade do sufixo “-ário”? Talvez, por esse motivo, a forma escolhida tenha sido “marmoreiro”, com a associação do sufixo -eiro (informal) a uma atividade predominantemente manual.

Pergunta 12:

Os resultados desta pergunta parecem confirmar, no campo da música, a associação do sufixo -ista aos instrumentos clássicos. As respostas integram o mesmo campo associativo, e as formações em -ista obtiveram 90% das preferências contra 5% para “craveiro” e 5% para “músico”. Uma vez mais, parece que a forma da base dada nem sempre é determinante quando o falante deriva, o que nos mostra a variedade de respostas obtidas.

Pergunta 13:

O objetivo desta pergunta foi verificar se a produtividade de formações do tipo das mencionadas na questão estaria relacionada à existência da forma primitiva em sincronia com as derivadas. Assim, foram propostas as seguintes formas primitivas: *Buda, Brizola, Getúlio, Hitler, Fidel Castro, álcool e Jesus Cristo*.

Pelos tipos de respostas obtidas, se quisermos provar que a produtividade de fato está relacionada à existência da forma primitiva em sincronia com as derivadas, teremos que levar em consideração dois fatores intrinsecamente vinculados: o conhecimento de mundo do falante e o que marcou mais fortemente sua experiência. Acontece que se levarmos em conta esses dois fatores, teremos que admitir que existem outros itens que influenciam a produtividade que não só a existência da forma primitiva.

Temos dois opostos nas letras “A” e “D”; na primeira, 100% dos falantes derivaram as formações de “Buda”, o que não aconteceu com “Hitler”, que foi responsável apenas por uma derivação; claro está que “Hitler” e “nazismo” estão no mesmo campo associativo; não obstante, o teor das respostas parece sugerir que a doutrina nazista, seus dogmas e cren-

ças marcaram muito mais fortemente os falantes do que a figura de Hitler.

Por outro lado, pela variedade de respostas obtidas, podemos inferir que o conhecimento de mundo do falante, suas crenças e conceitos foram, em grande parte, responsáveis pelas respostas dadas. Na verdade, as escolhas dos falantes sugerem que estes fatores agiram em conjunto; na letra “C”, por exemplo, 55% dos falantes derivaram a partir da palavra primitiva, ao passo que na letra “E”, as duas formas primitivas possíveis (“Fidel” e “Castro”) foram responsáveis por apenas 30% das escolhas.

Dessa forma, inferimos que a existência da forma primitiva é responsável pela produtividade das formações derivadas, mas não é *a única* responsável. Ainda assim, temos que admitir que, dependendo da maior (ou menor) importância dos outros fatores, a forma primitiva responde pela *improdutividade* das formações derivadas (ex.: Hitler / hitlerista / hitlerismo).

Dos resultados obtidos, depreendemos ainda o paradigma x-ista / x-ismo (note-se, pelo teor das respostas, que a esmagadora maioria dos falantes intui o paradigma), bem como a existência de microparadigmas. Do paradigma x-ista / x-ismo

traduzimos o sentido geral de “partidarismo”, “adesão”; por outras palavras, os agentivos em -ista podem ser descritos pela paráfrase “partidário de x-ismo”. Observe-se, contudo, que existem na língua uma ou mais regras que adicionam “-ismo” a uma base, como é o caso de “cristão / cristianismo”, por exemplo, sem que isto implique inserção no padrão x-ista / x-ismo. Poderíamos dizer que isto ocorre em “alcoólatra / alcoolismo”; todavia, existe a forma “alcoolista” (não consagrada pela norma). Mesmo assim, estas formações não traduzem o sentido geral da regra, pois “alcoolismo” não é doutrina.

Esse fato sugere a extensão do padrão da regra, mas não é só: talvez pudéssemos vislumbrar aqui a existência de um microparadigma; haveria alguma ligação entre as formas “alcoolista / alcoolismo” e o sentido geral de x-ista / x-ismo? Miranda (1979:65) afirma que os agentivos formados por esta regra “(...) sofrem uma restrição no sentido de que as palavras com as quais se combinam estão limitadas a um grupo reduzido. Algumas destas palavras são *tendência*, seita, teoria, princípio etc.” (o grifo é meu). Não estaria na palavra “tendência” a ligação que pretendemos estabelecer? Se é certo que podemos falar em “tendência” para seguir uma ou outra doutrina, é igualmente certo falarmos, por exemplo, que “João tem uma forte *tendência* para o álcool”. O mesmo impulso irresistível

que fascina um adepto fanático também pode empurrá-lo para o abismo do vício. O desejo de buscar algo em uma doutrina ou no vício pode advir da mesma crença, ainda que ela seja fruto de uma ilusão ou o “remédio” para uma fuga.

As formações “brizolista / brizolismo”, “getulista / getulismo”, “hitlerista / hitlerismo” e “castrista / castrismo” sugerem a existência de novos microparadigmas, pois podemos observar entre estas formações e o sentido geral do paradigma “x-ista / x-ismo” traços integrantes do mesmo campo associativo; as formas “Brizola”, “Hitler”, “Getúlio” e “Fidel Castro” revelam grandes *líderes*. O traço “liderança” pode ser depreendido do paradigma geral; além disso, os adeptos desses líderes, por fervor ou fanatismo, praticamente transformaram suas idéias em “doutrinas”. Claro está que “brizolismo”, “hitlerismo”, “getulismo” e “castrismo” não constituem doutrinas como “budismo”, por exemplo; não obstante, traços como “liderança”, “adepto”, “princípio” e “tendência” são comuns às doutrinas e às “doutrinas”. Por outras palavras, estes paradigmas menores mantêm uma relação semântica com o padrão geral “x-ista / x-ismo”, mas com um traço de especificidade que os caracteriza como microparadigmas.

Por fim, respostas do tipo: “PDT / comunistas”, “não tenho idéia formada sobre esse assunto”, “esquerdista / esquerdos”, “varguista / direitista” e outras, merecem um comentário; parece que, nestes casos, a intuição dos falantes desconfirma a hipótese desta pesquisa. Será que ela “falha” em algumas situações? Falamos todo o tempo em intuição, mas como definir e precisar um conceito tão subjetivo como este? Podemos nos guiar pelo percentual mais significativo para a análise dos resultados, mas será isto o suficiente? Não devemos nos esquecer de que, na língua, com freqüência, dois mais dois não correspondem a quatro. Como na Psicologia.

Pergunta 14:

Não é raro emprestarmos conotações pejorativas a certas formações em -ista; esta pergunta teve por objetivo confirmar este fato. Para tanto, selecionei 5 formações susceptíveis de adquirir tais conotações. Os resultados ratificaram a hipótese inicial; contudo, a variedade de respostas obtidas fez-me pensar se essa pejoratividade poderia ser atribuída ao sufixo -ista. A formação “flautista”, por exemplo, designa o tocador de flauta; se, entretanto, quisermos dizer que João é um mau flautista, poderemos chamá-lo de “flauteiro”. É interessante notar que, para adquirir uma conotação pejorativa, a forma original

“flautista” teve que ser adulterada. Neste caso, podemos seguramente afirmar que o sufixo -eiro é que emprestou à forma a pejoratividade.

O mesmo não se pode falar das formações em -ista abordadas aqui; elas mantêm sua forma original. Observe-se que não houve uma permuta entre sufixos para que possamos dizer que o sufixo -ista após “encaixar-se” em cada uma das bases emprestou às “novas” formações uma conotação pejorativa. Dessa forma, não podemos afirmar que o sufixo -ista foi o responsável pela pejoratividade emprestada às formas; antes, seria mais adequado atribuímos tal fenômeno às crenças dos falantes e ao seu conhecimento de mundo. Note-se, inclusive, que 35% dos falantes não viram traços pejorativos em nenhuma das formas; 15% viram esses traços em todas e metade da população pesquisada viu em algumas e não viu em outras, o que confirma o pensamento de que a forma *como um todo* (aliada à crença de cada um, à sua experiência e ao seu conhecimento de mundo) é que se reveste de conotações pejorativas e não o sufixo que empresta às formações a pejoratividade (vejam-se ainda os comentários feitos por escrito por alguns dos falantes nas pesquisas).

5. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo confirmar as conclusões de Miranda (1979) no que diz respeito à oposição existente entre os agentivos denominais formados pelos sufixos -ista e -eiro, ambos de grande produtividade na formação de nomes de profissões. Esta oposição se traduziria pela carga de prestígio sócio-cultural atribuída pelos sufixos aos agentivos; dessa forma, as profissões em -ista seriam as de maior status, ao passo que as de menor status (ou até mesmo marginalizadas) seriam designadas pelos agentivos em -eiro.

Além do corpus deste trabalho (anexos 1 e 2), procurei ratificar o discurso da autora por meio de uma aplicação prática (anexo 3). Essa aplicação se deu por meio de uma pesquisa, em que a análise dos resultados só fez fortalecer minha convicção em relação às conclusões da autora. A pergunta 3, por exemplo, com formações relativamente desconhecidas, teve resultados praticamente unânimes: os falantes associaram preferencialmente o agentivo em -eiro ao “operário” e o agentivo em -ista ao “especialista”.

Não obstante os anexos 1, 2 e 3 corroborarem as conclusões de Miranda, o número de exceções (também previstas

pela autora) foi bastante significativo. Ao longo do trabalho, as “fugas” aos padrões gerais estabelecidos foram inúmeras; parte delas pôde ser inscrita em uma terceira regra de formação para os agentivos em -ista; todavia, muitas ficaram a descoberto. Para estas, transcreverei aqui as palavras de Camara Jr. (1970:17-18):

De qualquer maneira, a invariabilidade profunda, em meio de variabilidades superficiais, é inegável nas línguas. Nos termos do grande lingüista contemporâneo Roman Jakobson, “o princípio das invariantes nas variações” (Jakobson 1967, 185) é a chave de toda descrição lingüística. É ele que cria o conceito de “padrão” (ing. pattern), cuja apreensão numa língua dada é o objetivo central da gramática descritiva de tal língua. (...) isso não quer dizer que a gramática descritiva seja um bloco monopolítico. Há sempre exceções e elas têm de ser levadas em conta. Em toda a gramática, ao lado da “regularidade”, há as “irregularidades”.

Mas, antes de tudo, como já aqui ressaltamos, elas são fatos de superfície. Em profundidade elas obedecem a padrões particulares, que se coordenam com o padrão, ou regra geral, dito “regularidade”.

Acredito ter feito algumas contribuições, por meio deste trabalho, quando sugeri que as especificações semânticas de cada regra deveriam conter um número maior traços, pois, como vimos, seu poder de generalização continuaria intacto e é inegável a existência de graus de especialidade, bem como de diferentes graus de relacionamento com o público (para a ter-

ceira regra de formação dos agentivos em -ista). Esse fato, conjugado à operacionalização de cada traço, estaria, desse modo, traduzindo uma maior adequação desses agentivos à realidade.

Se quisermos avançar passos na ciência, temos que ousar; por esse motivo, insinuei a existência de uma possível regra de neutralidade subjacente a certas formações (de mesma base, sufixos diferentes e dadas como sinônimas; exemplo: “manobrista / manobreiro”) para explicar seu uso indistinto. Os resultados de duas das perguntas do anexo 3 (questões 2 e 9) parecem encaminhar-se nessa direção.

Do trabalho como um todo, depreende-se, finalmente, que os sufixos não são simplesmente “peças de encaixe” que se conectam e desconectam, aleatoriamente, a uma base. Ao contrário, obedecem a padrões lexicais bem definidos e estão inscritos em paradigmas e microparadigmas que asseguram sua produtividade. Esses paradigmas e microparadigmas são intuitivamente percebidos pelos falantes nativos (vejam-se os resultados da pergunta 13 do anexo 3), com relação ao padrão geral x-ista / x-ismo.

As regras formam as palavras; todavia, nem sempre o sufixo sozinho associado a uma base responde pelo conteúdo

semântico atribuído à palavra formada: há que se ter em conta o conhecimento de mundo do falante, suas crenças e experiências (veja-se o resultado da pergunta 14 do anexo 3).

Por todos esses motivos, as “peças de encaixe” integram um “quebra-cabeça” muito mais complexo do que as aparências sugerem e é por isso que precisamos ousar sempre se quisermos inovar neste campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAMARA Jr. J. M. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- FERREIRA, A. B. de H. 1986. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. RJ: Nova Fronteira.
- FLORENZANO, E. 1961. *Dicionário de sinônimos e antônimos e idéias semelhantes*. RJ: Tecnoprint.
- MIRANDA, N. S. 1979. *Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical no português*. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à UFRJ. RJ. 2º. Semestre.
- OLIVEIRA, H. F. de. 1993. *Traços semânticos*. Apostila elaborada para o curso de Mestrado em Língua Portuguesa da UFRJ. 1º. Semestre.
- PAULIUKONIS, M. A. L. 1981. *A produtividade dos sufixos formadores dos nomes de profissões em português*. Trabalho final apresentado à Prof. Margarida M. Basílio, no curso Teoria Lexical do Português. UFRJ. RJ. 1º. Semestre.
- SAID ALI, M. 1964. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: UnB.
- WEIL, P. 1966. *Sua vida, seu futuro*. RJ: Civilização Brasileira.

7. Anexos

7.1. ANEXO 1: PROFISSÕES COM O SUFIXO –EIRO (-ÁRIO): CORPUS

AÇOUGUEIRO - Proprietário de açougue.

AGULHEIRO - O empregado que faz o serviço das agulhas nos caminhos de ferro.

AGULHETEIRO - Fabricante de agulhetas ou de agulhas.

ALFANDEGUEIRO - Aquele que está empregado na Alfândega.

ALFINETEIRO - Vendedor e / ou fabricante de alfinetes.

ARTILHEIRO - Soldado de artilharia; o jogador que faz o maior número de gols.

BANCÁRIO - Funcionário de banco ou de casa bancária.

BANQUEIRO - Diretor de Banco, proprietário.

BARBEIRO - Homem que tem como profissão raspar ou aparar barbas e cortar cabelos.

BIBLIOTECÁRIO - Aquele que superintende uma biblioteca.

BISCOITEIRO - Fabricante ou vendedor de biscoitos.

BITEIRO - Aquele que trabalha com a bita (bita: ferramenta usada para socar).

BOIADEIRO - 1. Tocador de boiada; 2. Capataz de gado; 3. Comprador de gado para revenda.

BOLSEIRO - Aquele que faz bolsas e / ou negocia com elas.

BOMBEIRO - Indivíduo que pertence a uma instituição de assistência pública, encarregada de combater incêndios, fazer salvamentos e socorrer acidentados em outros tipos de sinistros.

BORRACHEIRO - 1. Indivíduo que se dedica à venda e / ou conserto de pneumáticos. 2. Que extrai o leite da seringueira.

CABELEIREIRO - Aquele que faz e / ou conserta cabeleiras.

CABINEIRO - Ascensorista.

CAIXEIRO - Balconista.

CALANDREIRO - Acetinador que trabalha na calandra; calandrista; (calandra: máquina para lustrar tecidos).

CALCEIRO - Aquele que fabrica ou faz calças.

CALCETEIRO - Operário que calça as ruas com pedras justapostas.

CALDEIREIRO - Artífice que faz caldeiras e outros utensílios de cobre ou de outro metal.

CAMAREIRO - 1. Camarista; 2. Empregado que atende ao serviço dos quartos e os arruma (em hotéis, navios de passageiros etc.).

CAMINHONEIRO - Motorista que dirige caminhão.

CAMISEIRO - Fabricante de camisas sociais ou esporte, ou de roupas chemisier.

CANCIONEIRO - Pessoa que faz canções.

CAPOTEIRO - Que fabrica, vende ou conserta capotas de automóvel.

CARCEREIRO - Guarda de cárcere.

CARPINTEIRO - Artífice que trabalha em obras grosseiras de madeira.

CARROCEIRO - Condutor de carroça.

CARTAZEIRO - Operário encarregado de colar cartazes.

CARTEIRO - 1. Mensageiro postal, distribuidor de cartas e outras correspondências. 2. Fabricante de cartas de baralho.

CARTONAGEIRO - Fabricante ou vendedor de artefatos de cartão.

CARVOEIRO - Fabricante ou vendedor de carvão.

CESTEIRO - Que faz e / ou vende cestos.

CHACAREIRO - Dono ou administrador de chácara.

CHAPELEIRO - Aquele que faz e / ou vende chapéus.

CHAVEIRO - Pessoa que faz ou conserta chaves.

CILINDREIRO - Operário papeleiro que dirige o trabalho de preparo da pasta na holandesa e em qualquer aparelho.

CINTEIRO - Fabricante e / ou vendedor de cintos ou cintas.

CONFEITEIRO - Fabricante ou vendedor de confeitos, bolos e outros doces.

COPEIRO - Que trabalha na copa, serve à mesa.

CORNETEIRO - Aquele que toca corneta.

CORTINEIRO - Indivíduo que faz cortinas.

COSTUREIRO - 1. Homem que se ocupa em trabalhos de costura. 2. Pessoa que dirige uma casa de alta costura e cria as coleções que, a cada estação, estabelecem as novas linhas da moda.

COUREIRO - Vendedor de couros.

COZINHEIRO - Homem que sabe cozinhar.

CRAVEIRO - Fabricante de cravos; cravista.

DISCOTECÁRIO - Que superintende uma discoteca.

DOCEIRO - Que faz ou vende doces.

EMPRESÁRIO - Aquele que é responsável pelo bom funcionamento de uma empresa.

ENFERMEIRO - Homem diplomado em enfermagem e / ou profissional dessa arte; que cuida de enfermos.

ENGENHEIRO - Indivíduo diplomado em engenharia e / ou profissional dessa arte.

ENXADEIRO - Trabalhador, ou bom trabalhador, de enxada.

FAZENDEIRO - Dono de fazenda; que cultiva fazendas.

FERREIRO - Artífice que trabalha em ferro.

FIANDEIRO - Homem que se ocupa em fiar.

FUNILEIRO - Fabricante de funis.

GRANJEIRO - 1. Aquele que cultiva a granja por conta de outrem; 2. Dono de granja.

HOTELEIRO - Dono ou administrador de hotel.

JARDINEIRO - Aquele que trata de jardins e / ou sabe jardinagem.

JOALHEIRO - Fabricante e / ou vendedor de jóias.

JORNALEIRO - Vendedor ou entregador de jornais.

LANCHEIRO - Empregado de bar, botequim ou lanchonete, encarregado, sobretudo da preparação de lanches.

LANTERNEIRO - Fabricante de lanternas; operário especializado em lanternagem.

LARANJEIRO - 1. Vendedor de laranjas; 2. Plantador de laranjas.

LAVADEIRA - Mulher que lava roupa.

LEILOEIRO - Organizador e / ou pregoeiro de leilões.

LEITEIRO - Vendedor de leite.

LINHEIRO - 1. Que prepara ou asseda o linho para ser fiado 2. Aquele que negocia com linho.

LIVREIRO - Comerciante de livros.

LIXEIRO - Carregador de lixo.

LUVEIRO - Fabricante e / ou vendedor de luvas / luvista.

MALEIRO - Fabricante e / ou vendedor de malas.

MANOBREIRO = Manobrista.

MARCENEIRO - Oficial que trabalha a madeira com mais arte do que o carpinteiro.

MARINHEIRO- Arte ou profissão restrita, na concepção de hoje, a atividades menores, tais como dar nós, fazer trabalhos com cabos, lona, brim, realizar pequenas manobras de peso a bordo, dirigir embarcações miúdas, tratar do exterior do navio.

MARMORÁRIO - Aquele que trabalha em mármore; marmorista.

MASSEIRO - Aquele que nas padarias prepara a massa.

MINEIRO - Aquele que trabalha em minas ou as possui.

MOTORNEIRO - Motorista de bonde.

PADEIRO - 1. Fabricante ou vendedor de pão; 2. aquele que entrega pão em domicílio.

PARTEIRO - Diz-se do médico que assiste a partos ou é especialista em obstetrícia.

PASTELEIRO - Que faz e / ou vende pastéis.

PEDREIRO - Indivíduo que trabalha em obras de pedra e cal.

PEGUREIRO - Guardador de gado, pastor.

PEIXEIRO - Vendedor de peixe.

PIPOQUEIRO - Vendedor de pipocas.

PORTEIRO - Homem que guarda porta ou portaria.

PREGOEIRO - Que lança pregão (proclamação pública).

PREGUEIRO - Aquele, ou diz-se daquele, que faz e / ou vende pregos.

PUBLICITÁRIO - Aquele que trabalha em organizações de publicidade.

QUARTEIRO - Criado de quarto; camareiro.

QUEJEIRO - Fabricante e / ou vendedor de queijos.

QUITANDEIRO - 1. Dono de quitanda. 2. Negociante ou caixeiro que trabalha em quitanda.

RELOJOEIRO - Aquele que fabrica ou conserta relógios.

RENDEIRO - Fabricante ou vendedor de rendas.

RETIREIRO - Aquele que, numa fazenda, ordenha o gado.

SALSICHEIRO - Fabricante ou vendedor de artigos de salsicharia.

SANFONEIRO - Tocador de sanfona ou acordeão.

SAPATEIRO - Aquele que fabrica, vende ou conserta calçados.

SECRETÁRIO - Auxilia o dirigente nos trabalhos de escritório; recebe as pessoas, marca hora, atende ao telefone etc.

SELEIRO - Fabricante ou vendedor de selas.

SERRALHEIRO - Artífice que fabrica ou conserta objetos de ferro.

SINEIRO - Tem por função tocar sinos.

SORVETEIRO - Vendedor ambulante de sorvetes.

TAIFEIRO (Marinha / Aeronáutica) - Tripulante encarregado dos serviços de câmara: servir à mesa, limpar e arrumar camarotes e salas.

TAMBORILEIRO - Aquele que toca tambor ou tamboril.

TAPECEIRO - Fabricante e / ou vendedor de tapetes.

TARIMBEIRO - Diz-se de oficial que passou pelos postos de soldado, cabo e sargento sem ter feito estudos superiores.

TAVERNEIRO (TABERNEIRO) - Proprietário de taberna; vendedor de vinho em taberna.

TELHEIRO - Fabricante de telhas.

TESOUREIRO - 1. Guarda de tesouro. 2. Empregado superior da administração do Tesouro Público. 3. Encarregado da Tesouraria de um Banco, Associação, Companhia etc.

TIJOLEIRO - Fabricante de tijolos.

TINTUREIRO - Aquele que tinge panos.

TORNEIRO - Artífice que trabalha no torno.

TOUREIRO - Que toureia, como amador ou por profissão.

TROMBETEIRO - Tocador ou fabricante de trombeta.

VAQUEIRO - Guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado vacum.

VENDEIRO - Dono de venda; taberneiro.

VERDUREIRO - Vendedor ambulante de verduras, ervas e frutas; quitandeiro.

VIDRACEIRO - 1. Fabricante ou vendedor de vidros; 2. Indivíduo que põe vidros em caixilhos.

VIOLEIRO - Tocador de viola.

Total: 124 profissões.

7.2. ANEXO 2: PROFISSÕES COM O SUFIXO –ISTA: CORPUS

ACORDEONISTA - Que toca acordeão.

ALERGISTA - Especialista em alergia.

ALFARRABISTA - Vendedor e / ou colecionador de alfarrábios.

ANATOMISTA - Especialista em anatomia.

ANESTESISTA - Especialista em anestesia.

ASCENSORISTA - Pessoa encarregada de manejar o ascensor (elevador).

ATACADISTA- Que explora esse tipo de comércio: negociante atacadista.

BACTERIOLOGISTA - Especialista em bacteriologia.

BAIXISTA - Que toca baixo ou contrabaixo.

BALCONISTA - Empregado de balcão.

BANDOLINISTA - Que toca bandolim.

BANJOÍSTA - Que toca banjo.

BATERISTA - Que toca bateria.

BIOLOGISTA - Especialista em biologia.

CALANDRISTA - 1. Estereotipista que trabalha na calandra; 2. (...) calandreiro.

CALISTA - Profissional que trata dos pés, especialmente dos calos.

CAMBISTA - 1. Pessoa que negocia em câmbio; 2. pessoa que vende ingressos com ágio, fora das bilheterias dos teatros, estádios etc.

CANCEROLOGISTA - Especialista em câncer.

CANCIONISTA - Que faz canções.

CANÇONETISTA - Compositor de canções (pequena canção sobre tema leve, espirituoso ou satírico).

CARDIOLOGISTA - Especialista em cardiologia.

CARTAZISTA - Que desenha ou projeta cartazes.

CARTUNISTA - Desenhista de cartum, charge, desenho animado.

CERAMISTA - Que trabalha com cerâmica.

CIENTISTA - Especialista em uma ciência.

CILINDRISTA - Impressor que trabalha em máquina de cilindro.

CLARINETISTA - Que toca clarinete.

COLORISTA - 1. Que colore; operário colorista 2. artista plástico. diz-se do pintor de colorido vivo e expressivo, ou de sua obra.

COMENTARISTA - Autor de comentários.

CONCERTISTA - Pessoa que dá concertos.

CONTABILISTA - Especialista em contabilidade.

CONTRAPONTEIRO - Especialista em contraponto (a arte de compor música para duas ou mais vozes ou instrumentos).

COPISTA - Que copia; copiador.

CORISTA - Cada um dos membros dos coros teatrais etc.

CORRENTISTA - Empregado que escreve o livro de contas-correntes.

CRAVISTA - Tocador de cravo.

CRIMINALISTA - Especialista em assuntos criminais.

CRONISTA - Escreve crônicas.

CRONOLOGISTA - Especialista em cronologia.

DERMATOLOGISTA - Especialista em dermatologia.

DESENHISTA - Pessoa que exerce a arte do desenho.

DIETISTA - Especialista em dieta (nutrição); (nutricionista).

DROGUISTA - Que vende drogas, proprietário de drogaria.

ECOLOGISTA - Especialista em ecologia.

ECONOMISTA - Especialista em economia.

ELETRICISTA - Pessoa que trabalha em aparelhos elétricos, técnico especializado em eletricidade.

ENDOCRINOLOGISTA - Especialista em endocrinologia.

ENSAÍSTA - Escritor, autor de ensaios.

ENTOMOLOGISTA - Especialista em entomologia (insetologista).

EQUILIBRISTA - Que se conserva em equilíbrio, em posição difícil.

ESTEREOTIPISTA - Gráfico que trabalha em estereotipia.

ESTETICISTA - Especialista em assuntos de beleza (maquiagem, penteado, vestuário, emagrecimento etc.).

ESTILISTA - 1. Pessoa que escreve com estilo apurado, elegante. 2. escritor que tem estilo próprio. 3. pessoa que se ocupa em estudar e adaptar novas soluções em matéria de estilo (ex.: maquiagem).

ETNOLOGISTA - Especialista em etnologia.

FADISTA - Tocador e / ou cantador de fados.

FAGOTISTA - Que toca fagote.

FATURISTA - Que está incumbido de fazer faturas.

FAZENDISTA - Pessoa versada em assuntos da fazenda pública.

FIGURINISTA - Desenhista de figurinos.

FLAUTISTA - Que toca flauta.

FLORISTA - 1. Comerciante de flores; floreiro. 2. fabricante de flores artificiais.

FOGUISTA - Encarregado das fornalhas nas máquinas a vapor.

FOLHETINISTA - Que escreve folhetins.

FONETICISTA - Especialista em fonética.

FUTEBOLISTA - Perito em coisas de futebol; jogador de futebol.

GASISTA - 1. Que acende os candeeiros de gás da iluminação pública. 2. que faz instalações de gás e / ou as conserta. 3. que trabalha na indústria de gás.

GASTRENTEROLOGISTA - Especialista em gastroenterologia.

GINECOLOGISTA - Especialista em ginecologia.

GLOSSARISTA - Autor de glossários.

GUITARRISTA - Que toca guitarra.

HARPISTA - Que toca harpa.

IMUNOLOGISTA - Especialista em imunologia.

INSTRUMENTISTA - Compositor de música instrumental.

JORNALISTA - Pessoa que redige ou dirige um jornal.

LATINISTA - Especialista em latim.

LINGÜISTA - Especialista em lingüística.

LINOTIPISTA - Operador da linotipo (compositora mecânica provida de teclado) (...).

LOGOPEDISTA - Especialista em logopedia.

MANOBRISTA - Indivíduo incumbido de manobrar veículos, automóveis em estacionamentos, garagens etc.

MAQUETISTA - Que faz maquetes.

MAQUINISTA - 1. Que inventa, constrói ou conduz máquinas, principalmente locomotivas e máquinas de navios a vapor. 2. contra-regra ou operário encarregado da manipulação dos maquinismos de um teatro.

MARMORISTA - Serrador ou polidor de mármore, que faz esculturas de mármore.

MASSAGISTA - Pessoa cuja profissão é fazer massagens.

MÉDICO-LEGISTA - Especialista em medicina legal.

METEOROLOGISTA - Especialista em meteorologia.

MODELISTA - Profissional que cria modelos para serem executados por sapateiros, costureiros etc., ou pela indústria.

MODISTA - Cantador de moda; profissional que faz roupas ou chapéus ou dirige a faz roupas ou chapéus ou dirige a feitura deles.

MONOTIPISTA - Operador de máquina monotipo.

MOTORISTA - Condutor de qualquer veículo de tração mecânica.

MUSEOLOGISTA - Especialista em museologia.

MUSICISTA - Especialista em música.

NEUROLOGISTA - Especialista em neurologia.

NOVELISTA - Que escreve novelas.

OBOÍSTA - Tocador de oboé.

OCEANOGRAFISTA - Especialista em oceanografia.

ODONTOLOGISTA - Especialista em odontologia.

OFTALMOLOGISTA - Especialista em oftalmologia.

OPTOMETRISTA - Especialista em optometria.

ORGANISTA - Que toca órgão.

ORTODONTISTA - Especialista em ortodontia.

ORTOPEDISTA - Especialista em ortopedia.

OTORRINOLARINGOLOGISTA - Especialista em otorrinolaringologia.

PAISAGISTA - Pessoa que pinta ou descreve paisagens.

PAISAGISTA - Que pinta ou descreve paisagens; que planeja e compõe paisagens decorativas de jardins e / ou parques.

PANDEIRISTA - Que toca pandeiro.

PATOLOGISTA - Especialista em patologia.

PECUARISTA - Pessoa que entende de pecuária, ou que a ela se dedica; criador ou tratador de gado.

PERCUSSIONISTA - Tocador de instrumento de percussão.

PIANISTA - Que toca piano.

PISTONISTA - Que toca pistom.

PNEUMONOLOGISTA - Especialista em pulmão.

POSTALISTA - Funcionário da repartição dos correios.

PRACISTA - Vendedor de uma companhia em determinada praça.

PROJETISTA - Diz-se de engenheiro que se encarrega de plantas ou projetos arquitetônicos.

PROPAGANDISTA - Que faz propaganda.

PSICANALISTA - Especialista em psicanálise.

PSICOLINGÜISTA - Especialista em psicolinguística.

PUBLICISTA - 1. Especialista em direito público 2. escritor político; 3. pessoa que escreve para o público sobre assuntos vários.

RADIALISTA - Que se dedica à radiodifusão, organizando programas e / ou tomando parte neles.

RADIOLOGISTA - Especialista em radiologia.

RADIOTELEFONISTA - Que trabalha em radiotelefonia.

RADIOTELEGRAFISTA - Operador de radiotelegrafia.

RECEPCIONISTA - Empregado de hotéis, de hospitais de empresas comerciais etc.; encarregado da recepção.

REPENTISTA - Que faz repentes (qualquer verso improvisado).

RETRATISTA - Que faz retratos.

ROMANCISTA - Que escreve romances.

SANITARISTA - Especialista em saúde pública.

SAXOFONISTA - Que toca saxofone.

SEMANTICISTA - Especialista em semântica.

SEXOLOGISTA - Especialista em sexologia; sexólogo.

SOCORRISTA - Pessoa profissionalmente habilitada a prestar socorros ou atendimento em casos de acidentes, de mal súbito etc.

TAXIDERMISTA - Especialista em taxidermia (arte de empalhar animais).

TELEFONISTA - Que tem por ofício dar, receber e retransmitir telefonemas, atender o público informando, completando ligações etc.

TELETIPISTA - Que opera o teletipo; teleimpressor.

TENISTA - Que joga tênis.

TISIOLOGISTA - Especialista em tisiologia.

TRAPEZISTA - Que trabalha em trapézio.

TRATORISTA - Pessoa que dirige trator.

TRAUMATOLOGISTA - Especialista em traumatologia.

TROMBONISTA - Que toca trombone.

TROMPETISTA - Tocador ou fabricante de trompete.

UFOLOGISTA - Pessoa versada em ovniologia.

UROLOGISTA - Especialista em urologia.

VAREJISTA - Que vende a varejo.

VIDRACISTA - Pintor de vidraças e / ou vitrais.

VIOLINISTA - Que toca violino.

VIOLONCELISTA - Que toca violoncelo.

VIOLONISTA - Que toca violão.

VITRINISTA - Especialista no arranjo e / ou adorno de vitrinas.

TOTAL: 149 PROFISSÕES

7.3. Anexo 3: Pesquisa

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

ATENÇÃO: Neste questionário não há respostas certas; ao responder, siga apenas sua intuição e esteja certo (a) de que com isto estará dando a melhor resposta.

(1) Você daria o nome de _____ ao rapaz que vende flores na esquina da sua rua.

(2) Você vai jantar fora; o rapaz que manobra o seu carro na porta do restaurante chama-se _____.

(3) Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª :

(a) Cartazeiro () Que desenha ou projeta cartazes.

(b) Cartazista () Operário encarregado de colar cartazes.

(4) No interior dos sertões, aquele que faz canções sobre as várias histórias das redondezas e as vende em pequenos livretes, você chamaria de _____.

(5) As vidraças de suas janelas foram quebradas e você precisa trocá-las. Para fazer este serviço, você chamará o _____.

(6) Escolha uma profissão para o seu filho mais velho:

() Sapateiro () Pipoqueiro () Ferreiro

() Ascensorista () Tratorista () Gasista

() Pasteleiro () Marceneiro () Retratista

() Motorista

(7) Escolha uma profissão para sua filha:

- | | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Calista | <input type="checkbox"/> Camareira |
| <input type="checkbox"/> Lavadeira | <input type="checkbox"/> Balconista |
| <input type="checkbox"/> Massagista | <input type="checkbox"/> Fiandeira |
| <input type="checkbox"/> Copeira | <input type="checkbox"/> Florista |
| <input type="checkbox"/> Esteticista | <input type="checkbox"/> Cozinheira |

(8) Seu filho caçula adora música. Escolha uma profissão para ele:

- | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sanfoneiro | <input type="checkbox"/> Acordeonista |
| <input type="checkbox"/> Repentista | <input type="checkbox"/> Violeiro |
| <input type="checkbox"/> Corneteiro | <input type="checkbox"/> Cancionista |

(9) O operário que trabalha na calandra (máquina para lustrar tecidos) chama-se _____.

(10) O profissional que fabrica e vende luvas chama-se _____.

(11) O profissional que trabalha no polimento do mármore chama-se _____.

(12) Você vai a um concerto de cravo (uma espécie de piano). O profissional que toca este instrumento chama-se _____.

(13) Preencha as lacunas:

(a) Quem segue as idéias de Buda chama-se _____ e é adepto do _____.

(b) Os adeptos do _____ seguem as idéias de Brizola e chamam-se _____.

(c) Os que seguem as idéias de Getúlio intitulam-se _____ e são adeptos do _____.

(d) Os adeptos do _____ seguem as idéias de Hitler e chamam-se _____.

(e) Quem segue as idéias de Fidel Castro chama-se _____ e é adepto do _____.

(f) Quem tem o vício do _____ ingere álcool com frequência e é chamado de _____.

(g) Quem segue os ensinamentos de Jesus Cristo chama-se _____ e é adepto do _____.

(14) Observe as formas abaixo:

(a) Legalista – Aquele que briga pelo respeito às leis ou pelo governo legal.

(b) Comunista – Aquele que é militante do Partido Comunista.

(c) Esquerdista – Aquele que é partidário ou simpatizante do esquerdismo - (Partido, posição política ou tendência da esquerda).

(d) Direitista – Aquele que é partidário e / ou militante da direita.

(e) Anarquista – Aquele que é partidário do anarquismo.

Marque o (s) item (s) que melhor se afina (m) ao seu pensamento:

Vejo fortes traços pejorativos nas formas:

- Legalista Em todas elas
 Comunista Em nenhuma delas
 Esquerdista
 Direitista
 Anarquista

Caso deseje fazer algum comentário sobre esta questão e sobre a (s) resposta (s) que marcou, utilize o espaço abaixo.

OBRIGADA.